O Cruzeiro

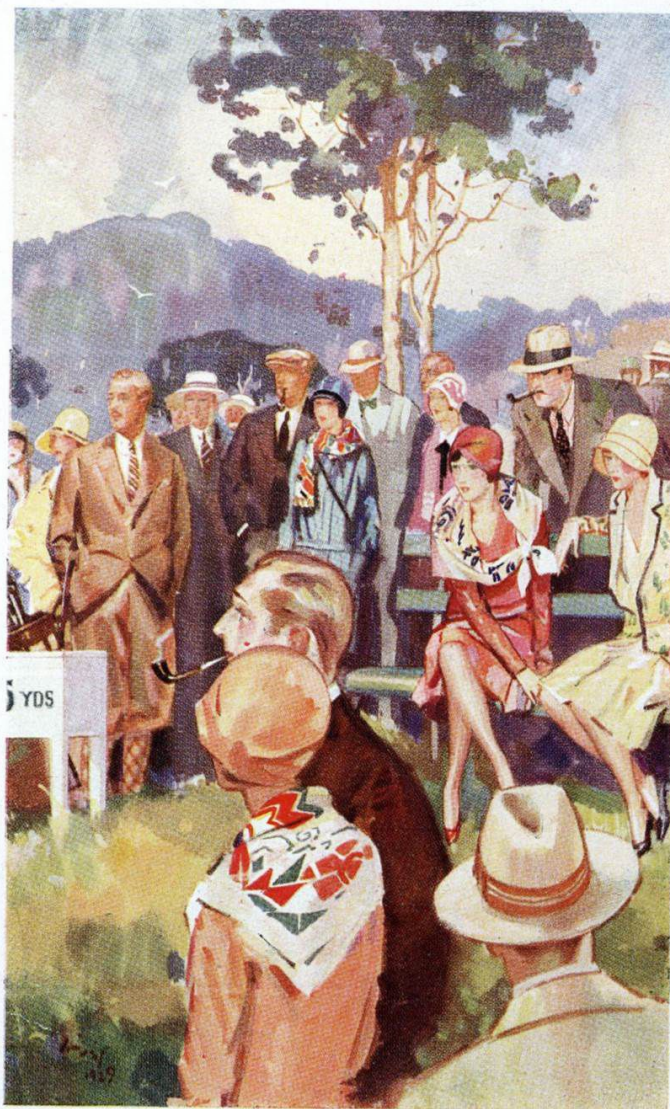
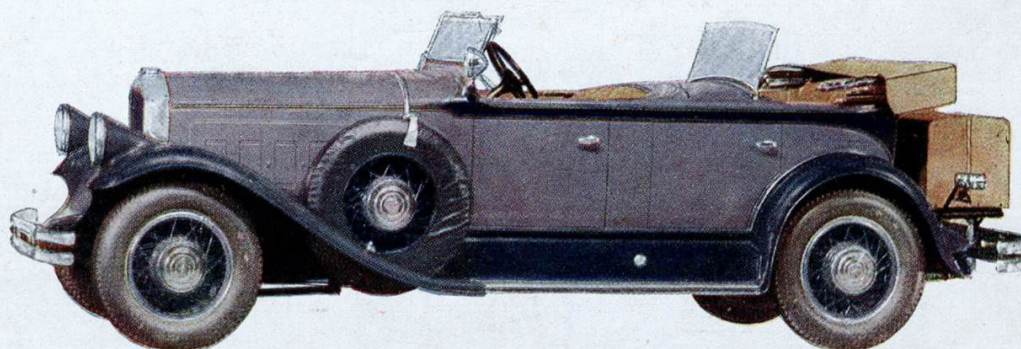
Revista Semanal Illustrada

1$

APPARENCIA DISTINCTA—EXCLUSIVA DE PIERCE-ARROW

Os donos de Pierce-Arrows são orgulhosos da distincta apparencia de seus automoveis. Sem duvida elles sabem que mais sumptuosos ou mais aristocraticos automoveis não existem.

Os novos modelos Oito em Linha, sempre seguindo as altas tradições Pierce-Arrow, possuem tudo que ha de mais moderno na industria automobilistica e, com toda essa exhibição de elegancia e luxo, são os mais poderosos e velozes carros jamais produzidos por Pierce-Arrow.

Desde 1908, todos os Presidentes dos Estados Unidos da America têm usado automoveis Pierce-Arrow.

Pierce - Arrow

Pequenos Annuncios

A Semana

13	D.	*Ramos*
14	S.	S. Tiburcio
15	T.	Sta. Anastacia
16	Q.	*Trevas*
17	Q.	*Endoenças*
18	S.	*Paixão*
19	S.	*Alleluia*

Hoteis

OS 3 PALACIOS DO RIO DE JANEIRO

O mais central. Em pleno coração da cidade, perto do grande centro da actividade, das repartições publicas, dos palacios legislativos e das grandes casas de espectaculos, etc.

PALACE HOTEL
Avenida Rio Bbanco
Tel. C. 1963

Situado no bairro aristocratico do Rio de Janeiro, dominando toda a praia de Copacabana e o seu maravilhoso panorama.

COPACABANA PALACE HOTEL
Avenida Atlantica
Tel. Ip. 1400

O hotel preferido das élites do tourismo, desfrutando de um magnifico panorama e com toda a facilidade de communicações.

HOTEL GLORIA
Praia do Russel
Tel. B. M. 3003

PALACIO IMPERIO COPACABANA
Telephones: 3281 a 3385

Os melhores apartamentos situados no melhor ponto do aristocratico bairro de Copacabana, com telephone agua corrente e todos os demais requisitos modernissimos, por preços sensivelmente razoaveis. Luxuoso e confortavel Restaurante. Dancing funccionando todos os Sabbados e Domingos. Ampla garage.

NATAL HOTEL

150 aposentos todos com banheiro e telephone.

Magnificamente installado na Praça Floriano (bairro Serrador)
O hotel preferido pelos hospedes de fino trato.
Endereço telegraphico: NATOTEL
Tel. C. 5140

Diversos

CONSERVE A BELLEZA DA PELLE E DO CABELLO
USANDO OS PRFPARADOS DE
Mme SELDA POTOCKA
Peçam propostas á Rua Senador Vergueiro, 233
Rio de Janeiro

A arte de pintar os cabellos

Toda pessoa que pinta ou deseja pintar os cabellos tem interesse em ler este interessante livro que será remettido gratuitamente a quem o pedir á rua 7 de Setembro n.º 40, sobrado, ou á Caixa Postal n.º 1314.

QUEREIS SER BELLA?

Consultae Mme MARGARIDA

Especialidade e tratamento da cutis, desapparecimento de manchas, sardas, espinhas, pontos pretos, vermelhidões, poros dilatados, gordura e todas as imperfeições da pelle. Massagens electricas co todos os apparelhos odernos.

CONSULTAS GRATIS
"SALÃO PARIS"
URUGUAYANA 45--SOB.

AGAZALHOS!
Malhas para crianças -- Vejam as exposições

A Garota

ENXOVAES de baptisado e recem-nascido
Haddock Lobo, 1
Estacio

JEREMIAS
O MELHOR CAFÉ
(S. JOSÉ: 45)
EXPERIMENTE-O

ONDULAÇÃO

Permanente para sempre, com Rodal Ondulante e Elosmeny, Marcel, Mise-en-Plis (a agua), Pintura de cabellos desde 25$; Corte de cabello de luxo 4$; Sombrancelhas ou Manicure 5$: Massagens de Grande Belleza contra Rugas, Cicatrizes, de Bexigas e de Espinhas.

Mascaras de Lama para limpar a pelle; fechar os poros e capilares 15$; Tratamento de Seios, Ventre, Pellos e Varizes. Engordar ou emagrecer. Pedicure—Peça catalogo á

Academia Scientifica de Belleza

Av. Rio Branco 134-1º e rua 7 de Setembro 166

CASA MOZART

AVENIDA 159

Musicas impressas, Victrolas de sala, Discos dos mais afamados Artistas de canto, piano, violino, etc.

LOUÇAS

VIDROS, CRYSTAES, PORCELANAS, ALUMINIO, TALHERES, ARTIGOS DE COSINHA, FRASCOS PARA BALAS E BISCOUTOS, ETC.

Preços Baratissimos.

Rodrigues d'Almeida & C.

Fabricantes e Importadoras

Rua dos Andradas, 97

VISITE-NOS UMA VEZ E FICARA' FREGUEZ

UM PEQUENO ANNUNCIO INSISTENTE PRODUZ MAIS DO QUE UM GRANDE ANNUNCIO COLLOCADO ISOLADAMENTE.

Cravos, Espinhas e Rugas

Leite Paris faz desapparecer instantaneamente os cravos e espinhas, alisa as rugas e fecha os póros, deixando a cutis limpa e formosa, dando-lhe uma apparencia real de juventude; preço 8$000. Vende-se no Salão Paris, á rua Uruguayana n. 45, sobrado.

Gengivas sangrentas,
Pyorrhéa (púz nas gengivas)
Gengivites
SÓ PASTA **Pyol**
Casa Hermany, Gonç. Dias, 50 - Rio

O FOGÃO MARAVILHOSO — "Red. Star." A GAZOLINA — sem pressão e — sem pavio — *Willmann, Xavier & C.* — Rua Uruguayana -:- n. 41 -:- Rio de Janeiro

MORFEOL

ELIXIR AGRADAVEL DE OLEO CHAULMOOGRA GRANDE REMEDIO DA LEPRA OU MORPHEA.

PAPELARIA A IMPERIAL

ARTIGOS FINOS DE PAPELARIA EM GERAL - TIMBRAGEM ALTO RELEVO - MATERIAL ESCOLAR NOVIDADES

R. REPUBLICA PERÚ, 91
Canto da Rua Rodrigo Silva

Consultorio Medico

MME. MAURIAC — *Rio* — Use a seguinte formula: Bicarbonato de sodio e borato de sodio — aa 100 grms. Benzoato de sodio e chloreto de sodio aa 50 grms. Analgesina 10 grms. Use uma colher de sopa em 2 litros dagua fervida, de manhã e a noite.

ANGELICA DE ALBUQUERQUE — *Rio* — Faça applicações de linhaça e tome ½ comprimido de salopheno 3 vezes por dia.

E' melhor chamar um especialista de crianças.

ANNA MARGARIDA — *Rio* — Tome 2 colheres de sopa de Leite de Magnesia, á noite — Banhos mórnos.

ROZA MARIA CALDAS — *Rio* — Repouso, não abuse dos laxativos. O resto passa com o tempo. Por emquanto tome o seguinte: Tintura de hydrastis, tintura de cannabis, tintura de viburneinu aa 20 grams. Tome XX gottas 2 vezes ao dia.

MARION — *Rio* — Fique descansada, toda noite antes de deitar-se passe ligeiramente uma solução fraca de tintura de iodo. Lava-se com sabonete neutro (sabão de marselha).

STELLA — *Petropolis* — Banhos de sol. Tenha seu intestino funccionando sempre bem.

Dr. Barrozo.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a redacção de "O Cruzeiro", com a designação de Consultorio Medico.

C.a Sud Atlantique
RIO — LISBOA
9 dias
Lutetia e Massilia
INFORMAÇÕES
11, Av. Rio Branco
Tel. 4 - 6207

PAPELARIA RIBEIRO

Alexandre Ribeiro & C.

MUDARAM SUA SECÇÃO DE VAREJO E DE IMPRESSOS EM RELEVO PARA

RUA DO OUVIDOR 164

Medicos

CLINICA MEDICA DO
Dr. Reginaldo Fernandes
RODRIGO SILVA, 30-1º — 2-2703
De 2 ás 4, diariamente

Advogados

Mario G. de Araujo Jorge
e
J. Pereira Caldas
Advogados
RUA BUENOS AIRES, 79-1º and.
Phone 3-4237 — RIO

Os "yacks" thibetanos

No Thibet ha cordilheiras inteiras de jazidas de cobre mas não ha uma roda para transportar esse minerio, nem ha o combustivel necessario para fundi-lo, a não ser a madeira procedente de Chumbi, ou da India.

Se o Thibet tem outros minerios preciosos, como o ouro, é difficil de affirmá-lo.

Durante muitos annos os chinêses possuiram o ouro de alluvião de Rudak, que constituia a fonte principal de fornecedor principal daquelle metal para o imperio chinês.

Os prisioneiros thibetanos eram os incumbidos de extrair esse ouro e de levá-lo convenientemente.

Para além de Gantsa as arvores ficam para trás, o valle se curva em ladeira, o rio se transforma em simples regato. As montanhas tornam-se mais altas, ainda que o valle seja muito maior, e vão apparecendo os campos de herva e os pantanos.

Deixamos já atrás de nós os valles profundos, os pinheiraes e as aldeias.

O valle do Pari surpreende pela mudança que offerecem os seus contornos. Olhar para deante é contemplar um mundo deserto.

Montanhas incomparaveis elevam os seus brancos cimos até o céu resplandecente e azul, como as aguas do Mediterraneo.

A terra parece variar de seres humanos, é um paraiso para os passaros e os outros animaes.

Esta é a terra do "yack" vagaroso e grunhidor, o boi da Asia Central, que vive em altitudes de seis mil metros e morre se o fazem descer com excessiva e brusca pressa até dois mil metros acima do nivel do mar.

O aspecto e a attitude do "yack" parecem irradiar satisfação pessoal e os thibetanos chamam-lhe "yack" porque essa palavra significa o superlativo de bom e de excellente.

Estes animaes vivem sempre em estado semi-selvagem, sendo, porém, doceis com os seus conductores thibetanos, mas caprichosos a eté perigosos para com os estrangeiros.

A maioria dos "yacks" são pretos. Ha alguns pardos, poucos de uma cor cinzenta prateada e rarissimos completamente brancos.

Os "yacks" têm um pello compridissimo que vae até o chão e que lhes foi dado pela natureza para defende-los do vento. Quando pastam na planicie descoberta collocam-se de costas para o vento e o seu pello enorme lhes cobre as cabeças.

Nunca vão amarrados, vagueiam livremente e caminham á sua vontade, percorrendo duas milhas por hora quando vão carregados em caravanas de mercadores. Os seus conductores tecem lã, e atiram-lhes pedras, assobiando agudamente, avisando-os para que andem mais depressa.

O "yack" transporta as cargas de thibetanos pelos logares sem caminhos; proporciona-lhes o material para as tendas em que vivem os pastores, assim como para as roupas que levam; da-lhes carne, leite e manteiga, e lavra-lhes a terra para os campos de cevada.

Os thibetanos não poderiam viver sem os "yacks"

Não é, pois, de estranhar que deu ao seu boi admiravel o nome de "yack" que designa tudo quanto é bom e excellente.

PROPRIEDADE DA EMPRESA GRAPHICA "O CRUZEIRO" S. A.
Director-presidente:
Dr. José Marianno (filho)

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS
152, Rua Buenos Aires, 152

Telephones { Redacção . . . 3-4208 / Administração 3-4209 }

Endereço teleg. CONSTELAÇÃO

O Cruzeiro

Revista Semanal Illustrada

Direcção de Carlos Malheiro Dias

AGENCIAS EM TODAS AS CIDADES DO BRASIL — CORRESPONDENTES EM LISBOA, PARIS, ROMA, MADRID, LONDRES, BERLIM E NOVA YORK

Succursal em S. Paulo — EQUATOR LDA. — R. S. Bento, 36 — Telephone 2-6365

ASSIGNATURAS

Territorio nacional	
Um anno	45$000
Seis mêses	25$000
Registrada	
Um anno	66$000
Seis mêses	34$000
ESTRANGEIRO	
Um anno	60$000
Seis mêses	35$000
Registrada	
Um anno	95$000
Seis mêses	48$000

Numero avulso 1$000

ANNO II — Rio de Janeiro, 12 de Abril de 1930 — NUMERO 75

NÃO BEBERÁS!

por Humberto de Campos

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Especial para "O Cruzeiro"

EU não sei de uso, costume ou vicio que mais alto deponha contra a dignidade humana do que o das bebidas alcoolicas. Contam as velhas lendas gregas que, havendo Jupiter seduzido Semele, princêsa thebana filha de Cadmo, e tido com ella um filho, que foi Baccho, resolveu Juno, em uma das suas horas de ciume descompassado, eliminar da vida a amante do seu esposo e o rebento que delles havia nascido. Para isso, fez incendiar o palacio de Cadmo, onde Semele dormia. As chammas subiram, enrolaram-se no ar, e a princêsa morreu no meio dellas. Quando, porém, foram removidos os escombros do vasto edificio, encontraram as nimphas, no meio das cinzas, risonha e incolume, a criança formosa e maldita que havia de ser, pelos seculos em fora, o patrono classico, e o propagandista insigne, do vinho fresco e das ruidosas bebedeiras dos homens. Os exegetas greco-romanos não dizem se essa origem tragica encerra um symbolo. A mim, porém, me parece que ella significa a inutilidade do esforço na guerra ao alcool. Na verdade, como poderão os homens, com as suas leis, vencer uma divindade eternamente victoriosa, quando nem os deuses, com as chammas do céu, puderam com ella?

O telegramma da Finlandia, publicado ha poucos dias, noticiando que os poderes publicos resolveram capitular no combate em favor da lei secca, vem demonstrar mais uma vez a inefficiencia absoluta das hostilidades ao filho de Semele. E eu creio, mesmo, que se poderia assentar sobre essa fatalidade todo um systema philosophico. "In vino veritas", — diz o proverbio latino, millenarmente citado. Quem sabe se, contendo a verdade, o vinho não dará o alicerce profundo e seguro de toda uma philosophia?

Não deixa de ser, de facto, impressionante, a attracção exercida pelo vinho sobre todas as criaturas vivas. Todos nós sabemos que ha irracionaes dipsomanos, que, para encontrarem o alcool, fazem até o sacrificio da vida. Está nesse caso o nosso gambá, bebedor instinctivo. E não ha quem não conheça a historia daquelles elephantes de Gôa e Diu, narrada pelos velhos chronistas portuguêses da Asia, os quaes carregavam, com a tromba, os barris de aguardente e de vinho de bordo das náus para os armazens e quarteis, com a condição de serem pagos com um delles, terminado o trabalho. Concluido o serviço, embriagavam-se, e, percorrendo as ruas aos tombos, punham a cidade em verdadeira revolução. O alcool possue, pois uma força estranha, sobrenatural, que domina, vence, subjuga, não unicamente o homem, mas toda a Natureza.

A mithologia catholica attribue a Noé, como se sabe, a idéa do aproveitamento da videira, e da fabricação e utilisação do vinho. Foi uma bebedeira do Patriarcha, informa a Biblia, que determinou a desigualdade entre os seus filhos, a maldição de Cham e a benção a Sem e Japhet, e, consequintemente, a differença das raças, na humanidade reconstituida. Em uma carta a Morellet, observava Benjamin Franklin, adversario remoto da lei secca, que a Verdade estava, realmente, no vinho. "Antes de Noé, — escrevia elle, — não tendo para beber senão agua, os homens não podiam encontrar a Verdade. Assim, elles se transviaram, tornaram-se abominavelmente máus, e foram justamente exterminados pela agua, que gostavam de beber". Descoberto o vinho por Noé, nunca mais houve Diluvio, pois que o vinho não afoga ninguem.

Informam os explicadores do Alkorão que Mahomet inventou as huris, isto é, justificou a satisfação dos sentidos para desviar os musulmanos da paixão do alcool, do amor á embriaguez. As lendas civis do Oriente contestam, porém, essa origem erotica do mahometismo. Ha, mesmo, um historiador turco, Hadji-Khalfa, o qual dá a entender que a embriaguez era quase desconhecida nas terras do Islam, antes do sultão Murad IV, que foi o primeiro bebedor de alta cathegoria registado pelas chronicas do Oriente mahometano. Havia o soberano saido certa manhã para um passeio pelas ruas da sua cidade, quando foi detido na rua por um turco de nome Mustaphá, o qual, tolhendo-lhe a passagem, começou a tratá-lo com uma liberdade não permittida pela differença de condição. Estranhando aquellas maneiras desenvoltas, perguntou o Grande Senhor ao Grão-Vizir, que o acompanhava, que é que tinha o seu subdito, re pondendo-lhe aquelle, então, que o desabusado transeunte estava ébrio.

—Não sabes tu, acaso, — perguntou Murad, voltando-se para o bebado, — não sabes tu, acaso, que eu sou o sultão?

—E tu, não sabes que eu sou Beery Mustaphá? — respondeu o interpellado, que mal se segurava nas pernas. —Queres me vender Constantinopla, eu compro. E então tu serás Mustaphá e eu vou ser o sultão.

— Comprar Constantinopla? Com que, desgraçado?

—Com que? Isso não é da tua conta. Eu compro até a ti, que és o sultão, quanto mais a Constantinopla!

Espantado com a coragem daquelle individuo, e encantado com a simples idéa do mundo imaginario em que elle estava vivendo, mandou o Sultão que lho levassem para o palacio. Ao regressar, mandou chamar á sua presença o detido, e, vendo-o atirar-se aos seus pés, pediu informações sobre o que elle sentia naquelle momento. E taes foram estas, que Mustaphá ficou residindo no palacio com o sultão e fez de Murad IV, em pouco tempo, um dos maiores beberrões da Turquia.

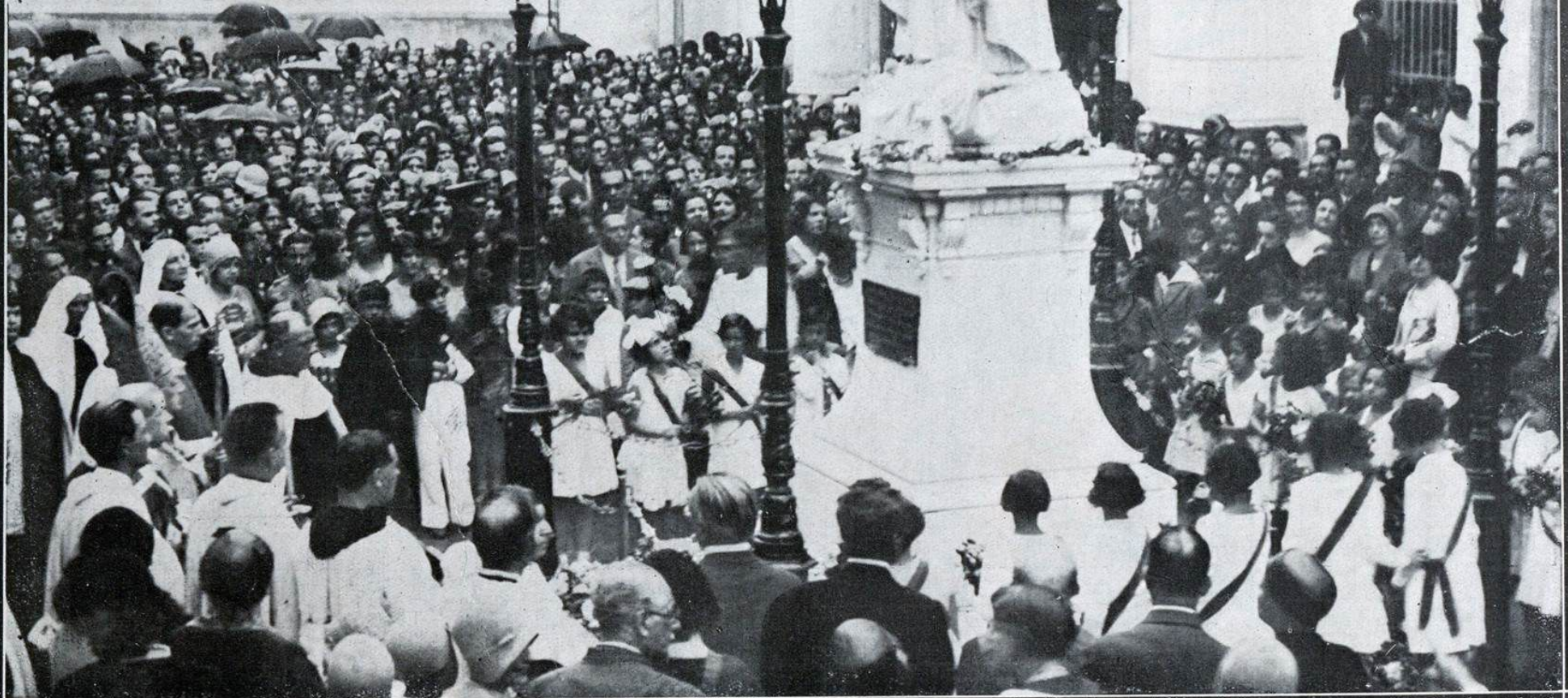
A prohibição da venda do alcool não impede absolutamente o vicio da embriaguez. Em uma das suas cartas de Paris ao seu amigo Rhedi, em Teheran, dizia o Usbek, de Montesquieu: "La loi interdit à nos princes l'usage du vin, et ils en boivent avec un excés qui les dégrade de l'umanité même; cet usage, au contraire, est permis aux princes chrétiens, et on ne remarque pas qu'il leur fasse faire aucune faute". Isso não era entretanto, uma novidade para os persas, os quaes, desde Herodoto, confiavam mais na inspiração do vinho do que na dos melhores conselheiros humanos. Conta, effectivamente, esse historiador, que, quando tinha um negocio serio a tratar, o persa começava por embriagar-se. Collocados os dois contractantes no mesmo estado, discutiam as bases da transacção, assentando-a provisoriamente. passada a primeira noite de somno, era a discussão renovada, com os contractantes em jejum. Se elles approvavam a resolução anterior, o negocio ficava fechado. E bebia-se de novo para festejar o acontecimento.

Para o romano o vinho não foi, jamais, um vicio degradante. Catão, o censor, tomava uma bebedeira todas as noites para esclarecer o espirito e renovar os pensamentos virtuosos da vespera. A paixão do vinho era tão intensa, na Republica e no Imperio, que esse mesmo Catão poude dizer, um dia, no Senado, com as sete bocas da sua consciencia: "De todos aquelles que revolucionaram a Republica, Cesar era o unico que não estava bebado!" Isto vem em Suetonio, na *Vida de Cesar*. Plinio conta, na sua *Historia Natural*, que os platanos regados com vinho ficam mais bonitos e viçosos, o que prova que, naquelles tempos, até as arvores já se achavam mais ou menos viciadas. Varrão informa que Mezencio fez guerra aos latinos unicamente para se apoderar do vinho que elles guardavam, e é Platão, se me não engano, quem affirma que os paes, na Grecia, começaram a beijar as filhas na boca para se certificarem de que ellas não tinham bebido vinho na sua ausencia.

Identificado com o homem, dessa maneira, e mesmo com outros seres vivos, desde a mais remota antiguidade, o vinho faz parte, quase, da sua natureza. O homem que bebe sabe, com toda a sua intelligencia, que elle se está envenenando, destruindo a sua saude, anniquilando a vitalidade dos seus filhos, degradando a especie, matando as celulas vivas da civilização. Mas não deixa o seu vicio. Onde o abutre da embriaguez fixou a sua garra de ferro, não a retira sem levar, ou a victima inteira, ou um pedaço da sua carne. "Os homens podem conservar a sua saude e as suas forças sem o vinho, — escrevia Fenelon, no *Telemaco;* — ao passo que, com o vinho, correm elles o risco de arruinar a sua saude e de perder os seus bons costumes".

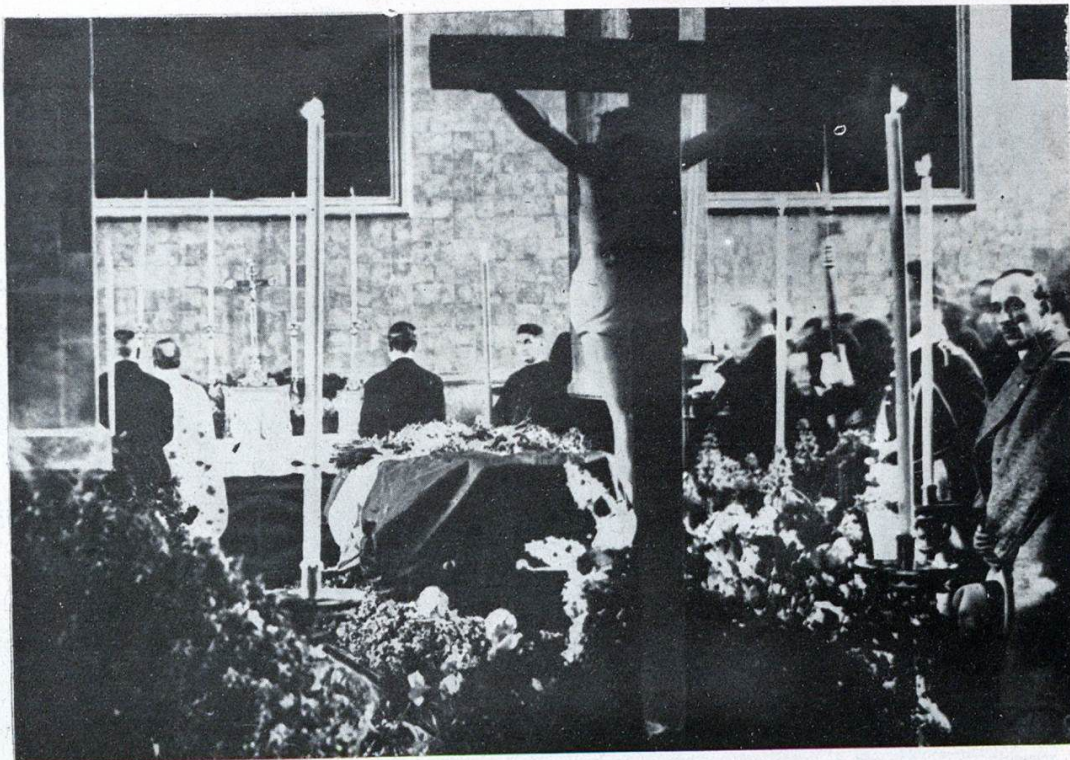
Terá razão, entretanto, o governo da Finlandia, declarando-se vencido, e incapaz de manter a lei secca no paiz? O filho de Semele será mesmo eterno, resistindo á propria acção do fogo e ao sepultamento nas cinzas? "Os governos fingem proteger as sociedades de temperança; mas a verdade é que elles vivem, na sua maior parte, das bebedeiras dos povos", — confessava Tolstoi. E assim é, effectivamente. E tanto é isso verdade, que o ultimo ébrio desapparecerá no dia em que os homens dignos de toda a terra se juntarem, e fizerem queimar todas as vinhas, destruirem todas as fabricas de cerveja, todos os alambiques, todas as machinas e materias primas que puderem fabricar bebidas fermentadas. Mas, isso, quando será?

A religião, principalmente o christianismo, poderia promover essa campanha. "Não beberás!" — devia ser um dos mandamentos da lei de Deus. Mas, como pode a Igreja guerrear o vinho, se ella mesma, fazendo delle o sangue do proprio Christo, o santificou ou, antes, o divinizou, e se o proprio Nazarethno deu o exemplo aos vendeiros, transformando a agua em vinho, nas bodas de Caná?

Inauguração da estatua de SANTA THEREZINHA do MENINO JESUS á frente de sua Basilica á RUA MARIZ E BARROS

O NUNCIO APOSTOLICO, D. BENEDETTO ALOISI MASELLA, NA OCCAIÃO EM QUE SE APPROXIMAVA DA ESTATUA DA VIRGEM DE LISIEUX, AFIM DE BENZEL-LA

UM ASPECTO DA ASSISTENCIA AO ACTO SOLENNISSIMO

O SR. DR. DUNSHEE DE ABRANCHES FAZENDO UM DISCURSO EXALTANDO AS VIRTUDES DE SANTA THERESINHA

NESTAS DUAS PAGINAS "O CRUZEIRO" FIXA EM VARIOS INSTANTANEOS A IMPONENTE FESTA DE FE' CATHOLICA REALIZADA DOMINGO ULTIMO, NO ADRO DA BASILICA DE SANTA THERESINHA DO MENINO JESUS, NA RUA MARIZ E BARROS. NESSE DIA FOI INAUGURADA A ESTATUA DAQUELLA THAUMATURGA, COM UMA IMPONENCIA E UM BRILHO EXCEPCIONAES. A IMAGEM BENZEU-A O NUNCIO APOSTOLICO E FOI DESCOBERTA PELO SR. MINISTRO DA JUSTIÇA

Estiveram imponentes os funeraes, em Madrid, do ex-dictador hespanhol Primo de Rivera. Os instantaneos da Photo-Consorcio mostram-nos o feretro com o cadaver do general durante uma missa, na capella ardente da Estação do Norte, entre flores, e, mais, o corpo sendo transportado para o cemiterio numa carreta de artilharia

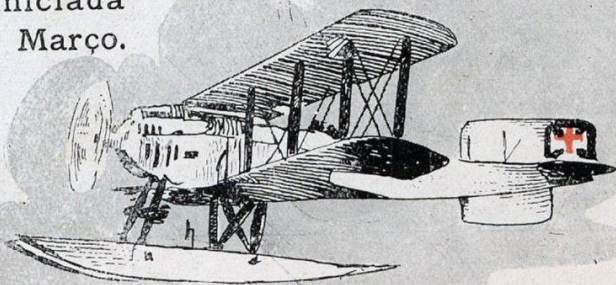
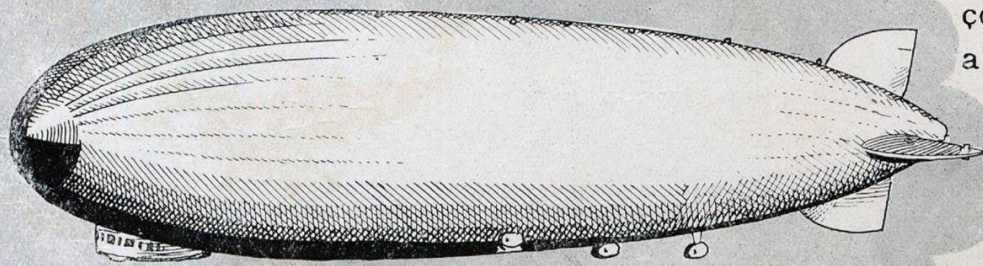
O Banquete no Club Germania ao Sr. Ministro de Allemanha

No Club Germania o alto commercio allemão desta capital offereceu ao Sr. H. Knipping, ministro da Allemanha junto ao nosso governo, um banquete que decorreu brilhantemente. Ao alto – um grupo de convivas vendo-se, ao centro, o Sr. H. Knipping. Em baixo – um aspecto da sala onde foi servido o banquete.

Ao alto as delegações reunidas na séde da Associação dos Professores Primarios, para a eleição de quatro representantes para o Conselho Deliberativo.

Em baixo, as quatro representantes eleitas: senhorinhas Carmen Burlamaqui Pereira, do 1º anno; Iva Waisberg, do 2º anno; Samira Khury, do 3º anno e sr. Licinio Pinheiro, do 4º anno,

AOS 22 de ABRIL de 1500, a esquadra de Pedro Alvares Cabral, depois de uma viagem de 44 dias, conduz os primeiros europeus aos littoraes brasileiros.

AOS 27 de JULHO de 1922, o primeiro hydro-avião, conduzido por Saccadura Cabral e Gago Coutinho, desce na Guanabara, depois de uma accidentada viagem iniciada em Lisboa aos 30 de Março.

NO mês de MAIO o primeiro dirigivel atravessará os espaços, vindo da Allemanha ao Brasil em 5 dias.

COMMEMORANDO a proxima viagem aerea do

ZEPPELIN que marca o inicio de uma nova era na historia das communicações inter-continentaes

O CRUZEIRO

publicará um numero especial em que reunirá a mais completa documentação photographica sobre a grandiosa viagem do dirigivel allemão.

Concurso photographico de "O Cruzeiro"

Instantaneos de SPORT, photographando movimento

AOS 20 de março de 1930, reunidos na redacção de O CRUZEIRO os membros da commissão julgadora dos seus Concursos Photographicos, foram-lhes apresentadas as photographias enviadas, para o concurso INSTANTANEOS DE SPORT PHOTOGRAPHANDO MOVIMENTO (*football, tennis, natação, remo, equitação, athletismo,* etc.), fechado em 28 de Fevereiro, e que, depois de devidamente examinadas, foram assim classificadas:

1.º PREMIO

Concedido ás duas provas SALTOS, de *Sancho de Tovar,* pseudonymo do sr. A. Santos, do Rio de Janeiro, por 65 pontos, sendo 35 de interesse technico e esthetico, 20 de interesse jornalistico e 10 de originalidade.

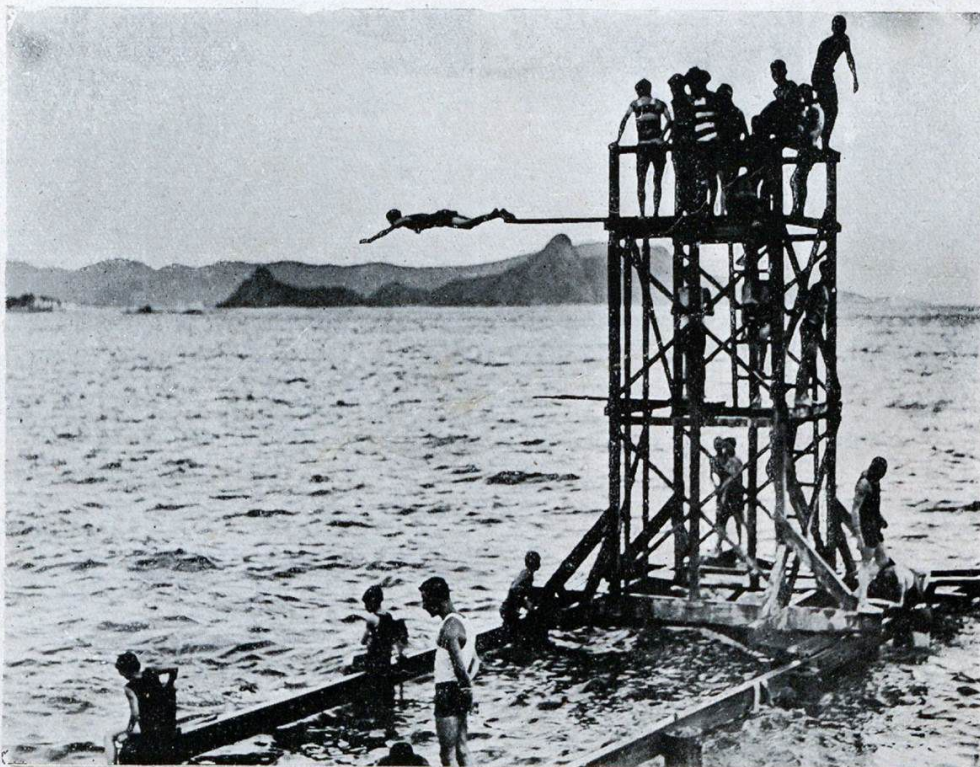
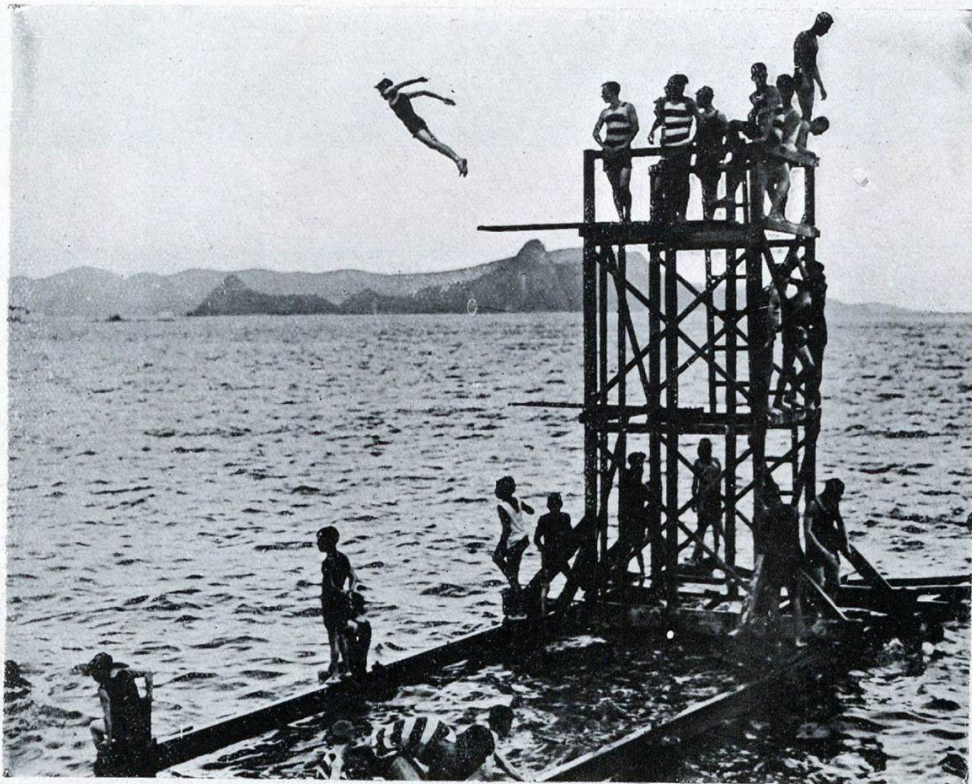
2.º PREMIO

Concedido á prova SALTO DE VARA, do sr. M. B. Capllouch, do Rio de Janeiro, por 60 pontos, sendo 30 de interesse technico e esthetico, 20 de interesse jornalistico e 10 de originalidade.

MENÇÃO HONROSA

Concedida á prova GOZANDO AS FÉRIAS, de *Framboesia,* pseudonymo do sr. Antonio Mouzoni Pinheiro, de S. Paulo,

MENSÃO HONROSA
Gozando as férias — Phot. do sr. Antonio Monzoni Pinheiro (Framboesia)

por 50 pontos, sendo 20 de interesse technico e esthetico, 20 de interesse jornalistico e 10 de originalidade.

1.º PREMIO — *Sáltos,* phot. do sr. A. Santos (Sancho de Tovar)

CONCURSO PHOTOGRAPHICO DE O CRUZEIRO

CONCURSO DE MAIO

Photographia para illustrar a poesia, Rio abaixo *de Olavo Bilac—(Entregaremos copia dos versos aos concurrentes que as pedirem). Recebimento de provas até 30 de Maio de 1930.*

CONCURSO DE AGOSTO

Trechos modernos de cidades brasileiras. Recebimento das provas até 30 de Agosto de 1930.

REGULAMENTO DOS CONCURSOS

1.º—Aos Concursos Photographicos de O CRUZEIRO poderão concorrer todos os photographos amadores ou profissionaes, brasileiros ou estrangeiros, domiciliados no Brasil.

2.º—As photographias podem ser executadas em qualquer processo, tanto em provas directas como ampliações, sendo, porém, fixado o formato minimo de 9×12.

3.º—As photographias não devem ter sido publicadas.

4.º—Em cada concurso, o competidor não poderá apresentar mais de cinco provas.

5.º—Nas costas de cada prova, o concurrente deverá escrever seu pseudonymo e o titulo da photographia. Conjunctamente enviará em *enveloppe* fechado o seu nome e endereço, inscrevendo nelle externamente, o correspondente pseudonymo. Estes *enveloppes* serão abertos após o julgamento.

6.º—As photographias premiadas e as que receberem menções honrosas serão publicadas em O CRUZEIRO, attribuindo-se a redacção o direito de distinguir com a publicação daquellas que, independentemente do criterio dos julgadores, sejam consideradas, sob o ponto de vista jornalistico, merecedoras de reproducção.

7.º—As provas não premiadas e as não publicadas ficam á disposição dos autores durante trinta dias, cessando, após esta data, nossa responsabilidade pela sua conservação.

8.º—O julgamento será feito sob o seguinte criterio:

Interesse technico e esthetico 1 a 40.

Interesse jornalistico 1 a 35.

Originalidade 1 a 25.

9.º—O jury será constituido pelos srs. F. Guerra Duval, director do Photo Club Brasileiro e redactor-chefe da revista *Photogramma;* dr. José Mariano (Filho), antigo director da Escola Nacional de Bellas Artes; professores Henrique Cavalleiro e Marques Junior, Sylvio Bevilacqua e o director de O CRUZEIRO.

10.º—Em cada concurso serão conferidos os seguintes premios: 1.º premio, de 100$000 em dinheiro ou em material photographico, á escolha do premiado; 2.º premio, uma assignatura annual de O CRUZEIRO. A juizo do jury serão concedidas até tres menções honrosas em cada concurso

2.º PREMIO — *Salto de vára,* phot. do sr. M. B. Capllouch.

QUINTA-FEIRA -- 17 DE ABRIL

O 3.º NUMERO DE "ESTADIO"

Fac-simile das 1.ª e 2.ª paginas do primeiro numero de ESTADIO, cuja edição se exgotou horas depois de posta á venda, na penultima quinta-feira.

A CARICATURA NO ESTRANGEIRO

Presidiario—Não é nada, estava fazendo um buraco na parede. Este cubiculo é muito mal ventilado.

—Porque choras, menino ?
—Mamãe mandou-me ao açougue compar um osso para o cozido..
—Acredito que o podes levar.
—Não; gastei o dinheiro em balas.

O ladrão ao dono da casa, valente e musculoso — Dou-me por vencido !

—Vês essa mulher? Tem uma franqueza e uma sinceridade extraordinaria.
—?...
—Não occulta nada a ninguem.

O heroe que acaba de salvar a banhista—Ia jurar que já vi a senhora noutro logar. Não será a senhora a mulher que atravessou a Mancha a nado?

O do guarda chuva — E' verdade; tenho o costume de vir até o portão todas as vezes que a minha mulher faz exercicios de canto. Tenho medo que os vizinhos acreditem que eu a maltrato !

—Tudo me sae mal ! O meu candidato politico perdeu as eleições; as minhas acções cairam de cotação; a minha noiva desmanchou o casamento ! Vou pular no meu auto e fazer uma corrida louca para que me passe a raiva !

—Eu, em amor, sou uma septica.
—Tambem eu, pois não creio mesmo nem no meu.

—Quem é esse sujeito tão ridiculo?
—Fernandes, o autor da obra "O amor é cego".
—E' a quem dedicou o livro?
A' sua esposa.

—Quando briguei com o meu primeiro noivo pensei que ia morrer de dôr..
—E o que te impediu de morrer?
—O segundo.

Pedra da Gavea

Rachel Prado

ESPECIAL PARA "O CRUZEIRO"

AO fundo da praia majestosa ha um branco traço de união entre o mar bravio e o agreste verdor da floresta que ostenta o vulto negro que se apruma ufano elevando ao deslumbrado horizonte, o seu porte altivo e gigantesco: a "Pedra da Gavea"! Quem a teria baptisado assim?

Talvez, dentre esses obscuros heroes de que está repleta a costa do Brasil — um, dentre esses lobos do mar, de animo arrojado, desconhecido porque a historia não lhe registou os feitos. Um desses valorosos que vão para a luta com o oceano, na ansia de vencer ou morrer!

Ao batel fragil e ao homem, anima a mesma fortaleza e a cada arremesso maior da vaga, nova energia os sustenta na refrega.

Se a embarcação voltar, volverás tambem, oh! impavido navegante! E se a tempestade funesta os envolver roubará até a lembrança do valente nauta, pois que nem uma taboa do esquife virá contar aos parentes o esforço do heroe e a sua ultima dôr.

Quem teria visto essa plataforma de bojo enorme á qual a gyria do mar atirou o appelido que ficou? — "Pedra da Gavea"!

Do sopé da rocha até a linha de fluctuação, as brisas marinhas vão e vêm em plena liberdade!

Dentro da matta existe um cordame original: são enxarcias de cipó que prendem o navio fantasma ao solo e os pedregulhos se juntam para impedir o avanço em caso de borrasca.

A propria terra, para festejar a presa, fez crescer na cumiada da original pedra, palmas e coqueiros que em donaires se inclinam florescentes.

Sobe-se depois pela escarpa como um marujo a içar-se pelo mastro do traquete.

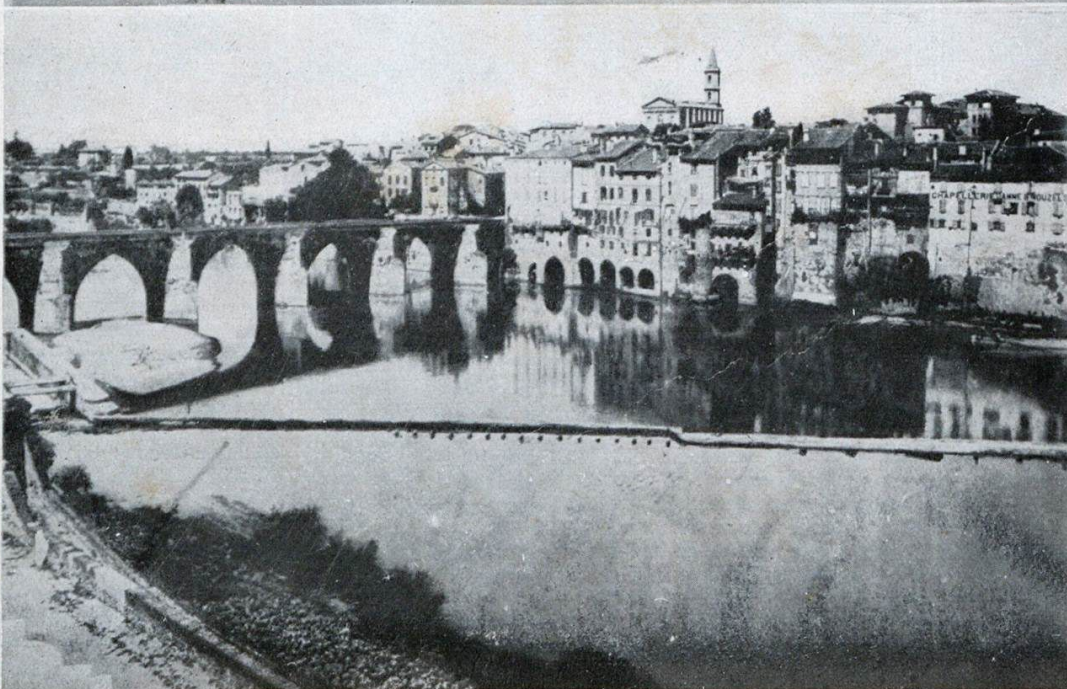
Até chegar ao tombadilho tem-se que fazer piruetas como um gato amarrado por uma corda ao pescoço e suspenso no ar.

Antes de chegar a amurada, deve-se atravessar a escotilha que é uma especie de tunel, para se alcançar a borda da nave colossal.

Quando se está lá em cima tem-se a impressão que o gigantesco barco singra á suave brisa colleando a enseada.

O horizonte limpido e azul, infunde serenidade e segurança de marcha, tendo-se a sensação de uma viagem pelo mar e de olhos semi-cerrados eu acalentava a fantasia de ver o majestoso barco de enfunadas velas, seguir bordejando uma feliz rota.

Via o velame estalar mais forte na mastreação e a viração tendendo a se tornar impetuosa, na curvatura e além, onde céu e agua se amplexam com juras de amor, rugia o vendaval e tinha que me agarrar, coser-me ao chão para

(Conclue á pagina 48)

AS inundações provocadas pelo rio Tarn, no Sul da França, que transbordou, sendo destruida parte da cidade de Montauban e de Bagno!s, causaram enormissimos prejuisos.

O numero de mortos elevou-se a 206; foram distruidas 2.693 casas; morreram 10.000 cabeças de gado e ficaram destruidas as plantações de uma area de 116.000 hectares de terras cultivadas.

Em cima e em baixo, a cidade de Montauban invadida pela enchente. Ao centro, Bagno's, que muito soffreu com as aguas.

Ao Sol das Praias

Gentis banhistas apanhadas em flagrante, em diversas partes das nossas praias — Flamengo e Copacabana — pela objectiva de "O Cruzeiro".

Em seu proximo numero O CRUZEIRO iniciará a publicação do notavel e sensacional estudo do seu illustre collaborador Campos Birnfeld, sobre a selecção matrimonial

Sabbado proximo O CRUZEIRO iniciará a publicação do notavel estudo de seu collaborador graphologico Campos Birnfeld, sobre a selecção matrimonial.

A quantas moças e moços occorreram as perguntas: *"Estou eu em condições de casar?" "Sou eu digno de ter mulher e filhos?" "Por que este homem ou esta mulher, e não outro ou outra qualquer?"*

A mocidade convola as nupcias sem meditar nessas questões vitaes, que entretanto devem ser resolvidas, e resolvidas com acerto, afim de que o casamento não seja uma simples formalidade legal para satisfazer ao preconceito social. São perguntas basicas a que o estudo graphologico dará resposta aos nubentes que se estudarem e cultivarem pela comprehensão da seriedade dos laços que os ligam desde o *flirt* ou namoro inicial, que não reflecte senão a attracção natural dos sexos e os desejos pronubos, proprios da idade em que todos devem procurar um companheiro de existencia.

A obra, que será publicada na integra, comprehenderá os seguintes capitulos:

1.º — Os noivos e a graphologia;
2.º — Incompatibilidade de genios;
3.º — A selecção matrimonial;
4.º — Temperamentos amalgamaveis e inamalgamaveis;
5.º — A fusão e evolução do caracter no noivado;
6.º — Affinidades e contrastes desejaveis;
7.º — Da educação, sensibilidade e cultura
8.º — Idade physica, idade mental e idade nubil;
9.º — Classificação da humanidade;
10.º — O ciume e a ambição;
11.º — Typos normaes de nubentes femininos;
12.º — Typos normaes de nubentes masculinos;
13.º — Os desequilibrados, os morbidos e os anti-nupciaes;
14.º — Os que não devem casar;
15.º — Os que se pódem curar pelo casamento;
16.º — As emoções e as infecções toxicas.

Os trabalhos graphologicos do collaborador de O CRUZEIRO, obtiveram a mais justa repercussão. Entretanto o illustre graphologo ainda não havia dado á publicidade uma obra em que demonstrasse todo o alcance de sua sciencia e sua capacidade pericial. Abordando o assumpto "A Escolha dos Noivos pela Graphologia", Campos Birnfeld apresenta uma these massiça, solida, fundamentada não só em sua especialidade, como tambem na psychologia, na anthropologia e na eugenia — obra unica, que será uma contribuição valiosa para o cabedal do saber humano, pois é a primeira vez que um graphologo ataca de frente o problema da relação dos sexos, armado da sciencia e de um methodo original e novo.

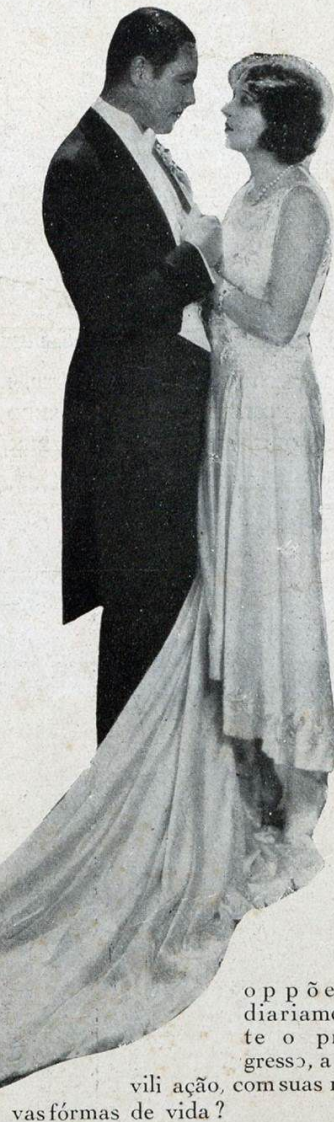
A classificação dos temperamentos é a base do novo methodo para escolher os noivos. A theoria das emoções e os processos que emprega Campos Birnfeld para medir e aferir os temperamentos dos nubentes, demonstram os seus alevantados ideaes de auto-cultura. Se bem que antiga a theoria das emoções como determinantes do temperamento, o methodo de tratamento exposto nesta obra de feição singular, é unico e novo.

Os processos conhecidos para a escolha dos noivos, são falhos. Dentre elles o melhor seria o exame medico, de impossivel adopção, como demonstra o auctor; afóra esse, as provas psychologicas, *tests* de intelligencia, de educação e outras já experimentadas, têm fracassado de todo.

Ha-de o casamento decair e desmoralizar-se como instituição, por culpa dos que erram: ou havemos de salvá-lo, resolvendo as difficuldades e barreiras que lhe oppõem diariamente o progresso, a civilização, com suas novas fórmas de vida?

A humanidade continua sem guia no intrincado problema da selecção matrimonial. Os noivos ainda se escolhem *a esmo*, sem outro methodo que não seja o preconceito social. Porque não pugnar pela *escolha scientifica* e mais acertada para evitar erros fataes? E' o que Campos Birnfeld procura resolver propondo um methodo novo, baseado na concordancia dos temperamentos, factores fundamentaes nas relações entre os sexos em sociedades livres e democraticas como a nossa, em que o ambito da vida se alarga diariamente para o homem e para a mulher, criando novos problemas para ambos no regimen matrimonial.

A obra é completa; nem mesmo escapam os factores economicos e sua poderosa influencia na escolha dos noivos; encontram-se por toda parte ponderações, conselhos e conceitos que se gravarão na memoria dos leitores de O CRUZEIRO para toda a vida, como por exemplo o logar onde com profunda observação diz Campos Birnfeld: *"O Amor, por mais singelo e puro que seja, não é um guia certo na escolha dos noivos; o Amor é tão falho como a razão"*. E outro logar onde commenta com suave ironia: *"A's vezes os hystericos e os desequilibrados se curam pelo casamento, mas é preferivel evitar de todo o consorcio com pessoas de tendencias hysteroides e desequilibradas para evitar o risco do mal aggravar-se pela cura"*.

E' um livro humano e de grande responsabilidade, que O CRUZEIRO vae ter a honra de apresentar á critica dos nossos psychiatras e eugenistas, recommendando-o não só a todos os que tiverem um interesse pessoal no assumpto, como tambem áquelles que se interessarem pelo vital problema das relações dos sexos e da selecção matrimonial. Campos Birnfeld receberá com agrado as criticas e os commentarios dos competentes, e agradecerá a todos os leitores que, no decurso da publicação dos capitulos a seguir, lhe dirigam cartas em apoio ou em contrario á sua doutrina, documentando as opiniões expendidas, assignando-as e indicando os seus endereços.

Miss Universo escreve a "O Cruzeiro"

"O Sr. Steinhof teve a bondade de remetter-me a vossa amavel carta, os numeros do "O Cruzeiro" e as maravilhosas photographias do Rio.

Tambem eu tenho ainda no pensamento todas as gentilezas com que fui tratada na America, das quaes a lembrança ficou em mim inapagavel.

Examino constantemente as bellas illustrações de "O Cruzeiro", sem nunca me cançar de admirá-las.

O vosso bello Brasil é magnifico, e eu desejaria muito poder contemplar, com meus proprios olhos, esse maravilhoso pais. Ficaria, tambem, encantada se vos pudesse ainda rever, assim, como a senhorinha Olga, de quem recentemente recebi uma longa carta.

Junto vos envio, para o vosso jornal, o meu ultimo retrato que acaba de ser tirado por um dos maiores photographos de Vienna.

Aceitae, senhor, as minhas mais sinceras saudações.

Lisl Goldarbeiter

Vienna, 14 de Março de 1930".

À mes chers Brésiliens, ainsi qu'à mes chers compatriotes (vivant au Brésil) les plus chaleureuses salutations de Vienne!

Lisl Goldarbeiter
Miss Universe
Austria

Mars 1930

O Bandeirante do AMOR

Conto de RAUL LELLIS

Especial para "O Cruzeiro"

Illustrações de OSWALDO TEIXEIRA

O moço fidalgo ouvia concentrado e pensativo, as palavras serenas e claras do pregador, no templo pequeno e muito branco onde se reunia a nata da fidalguia colonial. Dir-se-ia que aquella accusação saida dos labios do jesuita fosse dirigida unicamente a elle, D. Sebastião Pedrosa de Mendaço, ultimo rebento de uma familia nobre que encontrava o seu occaso na capitania, depois de ter brilhado no fausto da côrte.

"E' a vós que falo, ó almas tibias e sem confiança em vós mesmas! E' contra vós que clamo, ó timidos que recusaes as refregas da fé, porque não sabeis encarar as batalhas da vida! Que temeis? Porventura esperaes conservar, com o vosso temor, o corpo miseravel que Deus vos deu com a condição de poder esmagá-lo no dia em que tal desejar a Sua santa vontade?..."

A vos do pregador enchia a capella. Os fieis, — nobres de cãs veneraveis, cavalheiros de porte arrogante, damas de soberba belleza — ouviam de cabeça baixa, como se o éco das palavras asperas provocasse um turbilhão de recordações no espirito de cada um delles. Don Sebastião ergueu os olhos para dona Amelia que lá estava aos pés do pulpito, envolta na pureza das rendas, assistida de perto pela velha aia. A dama olhou-o tambem, medrosamente, e o olhar de ambos teve qualquer coisa de significativo, de imponente, de forte, porque o moço fidalgo logo depois alteou o busto, resoluto, emquanto que a donzella baixava os cilios, recatadamente, com um suspiro de esperança a levantar-lhe o collo que fugia do espartilho.

Quando o officio divino terminou, Don Sebastião saiu do templo, rapido, como se o levasse uma decisão brusca. Parou um instante no atrio, para ver a cadeirinha de dona Amelia que se afastava; descobriu-se respeitosamente, certo de que a dama veria o seu cumprimento através a abertura discreta das cortinas e depois, a largos passos, atravessou a praça, caminho do seu solar que defrontava com o collegio dos jesuitas.

Quando ia subir a escadaria de madeira carcomida, encontrou-se com Anselmo, o velho escudeiro da familia, que saia garboso no seu grande uniforme dos domingos.

—Deus lhe dê bom dia, don Sebastião!

O fidalgo parou:

— Ides para os lados da chacara, Anselmo?

— Irei, don Sebastião.

— Passae então em casa de don Antonio Maria e dizei-lhe que eu desejo merecer a honra de ser admittido em conversa privada com elle, na hora da sésta...

"— Quereis despedir-vos de vossa noiva? D. Sebastião curvou-se agradecido: — Se achaes que mereço tanta graça..."

Horas depois, D. Sebastião Mendaço entrava na grande sala da casa de d. Antonio Maria, donairoso e arrogante, a mão esquerda, que os punhos tufados cobriam quase por completo, apoiada nos copos da espada. Curvou-se reverente ante o velho fidalgo, encarando-o depois. Don Antonio estava a olhá-lo, com os seus olhos muito azues e miuto bons, firmando-se a um bastão para encontrar o apoio que lhe negava a perna direita, meio morta em consequencia de uma flechada recebida em combate com os indios, annos antes.

—Sentae-vos, don Sebastião e dizei-me depois a que devo a honra da vossa visita.

Sebastião, emquanto ganhava tempo para coordenar as idéas, perguntou:

—Passaes bem, don Antonio? Não

se vos vê mais nas reuniões do governador...

O fidalgo sorriu alisando o bigode inteiramente branco.

— A minha perna, don Sebastião, faz-se sempre mais rebelde. E depois, na minha idade, é mais aconselhavel o descanso caseiro do que o reboliço das festas onde brilham os moços como vós.

Dessa vez foi D. Sebastião que sorriu, agradecido ao cumprimento. Depois, um pouco pallido e muito serio, tomou a palavra.

— Sabeis a que venho, don Antonio?

— Ides dizer-me, por certo. Eu nada mais sei além da honra que experimento recebendo-vos em minha casa.

D. Sebastião mordia a ponta do labio onde o negro bigode brilhava e o esforço que fazia por dominar-se não impedia que se tornasse sempre mais accentuada a sua pallidez. A voz tremeu-lhe levemente ao dizer:

— Desculpae, don Antonio, se falto á cortezia em vos falando do assumpto que me trouxe aqui. Acreditae, porém que ninguem, nem mesmo meu pae se vivo fosse, aceitaria tomar a si a missão que circumstancias especiaes fazem espinhosa.

— E' tão grave o caso? — indagou don Antonio, jovial.

— Gravissimo se me afigura, e julgareis da gravidade delle quando vos disser que se trata da mão de vossa filha, dona Amelia...

D. Sebastião suspendeu a phrase, ansioso. Ao contrario, porém, do que elle suppunha, as suas palavras não provocaram a menor contracção no rosto do velho fidalgo. Sereno, don Antonio ageitou com as mãos a perna invalida sem movimento, e falou depois, pousando no rosto do joven um olhar compassivo, quase paternal:

— O vosso segredo, don Sebastião, eu o conhecia e não ignorava que, cedo ou tarde, um emissario vosso me viria falar sobre elle. Sempre desejei porém ver retardado o instante em que devia manifestar a minha opinião sobre o vosso casamento com minha filha...

"Bem depressa levantou a cabeça, decidido, a fronte como que illuminada."

Um relampago passou pelos olhos de D. Sebastião.

— Sois contrario, don Antonio?

— De maneira alguma. O vosso nome e o vosso brazão eu os julgo dos poucos, nestas terras do Brasil, dignos de figurar ao lado do meu nome e do meu brazão. A alliança com a vossa familia ser-me-á altamente grata e honrosa.

— Obrigado, senhor!

— Mas, meu caro senhor, — e a voz do velho fidalgo fez-se mais penetrante — nós somos dois homens,

(Continua na pagina 42)

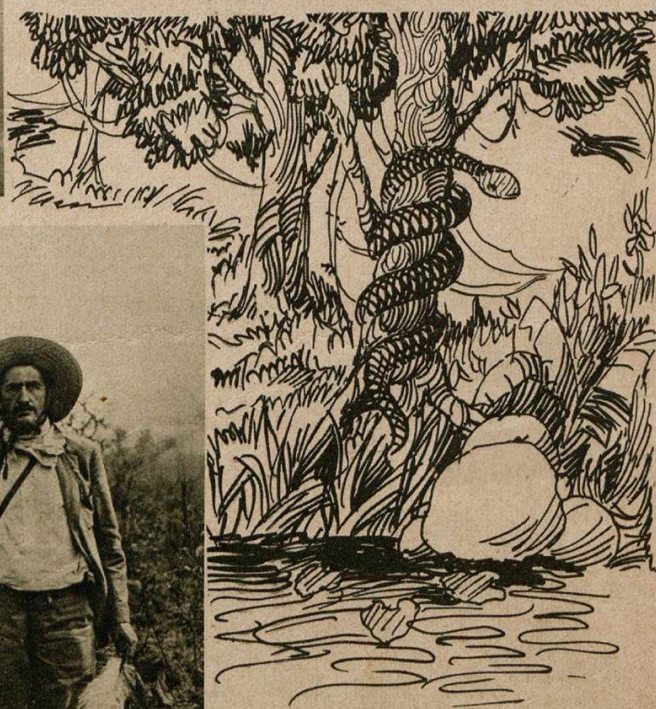
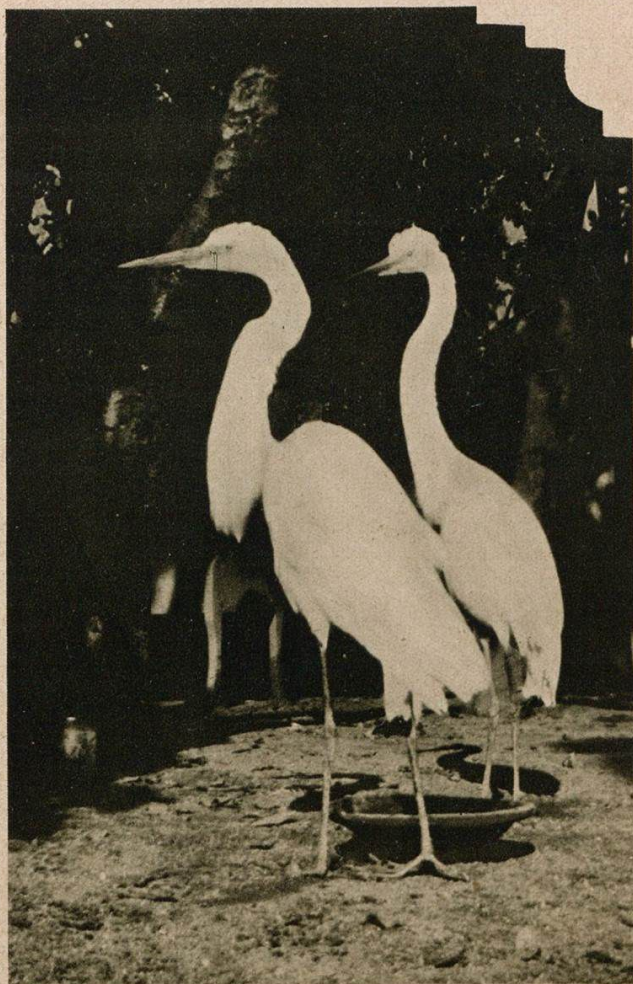
A fauna BRASILEIRA

A pesca da arraia no rio Araguaya, em Goyaz. — Uma ema apanhada nas margens do mesmo rio. — Garças do Maranhão.

Photo de L. Aristheu Silverio

Bailam, como os tentaculos de uma aranha fascinadora, as 24 bailarinas. E elle, o bailarino Jack Buchanan, uma das glorias de Paris, é a tentação das criaturinhas que o ladeiam...

Uma daquellas que, sem outro nome, a gente conhece como "girls"... Baila e canta e nesse seu bailar escreve, no rythmo das dansas mais difficeis, as mais faceis palavras da Arte e do Amor...

PARIS

O film que revivem todas as fascinações inebriantes da cidade maravilhosa.

De Barros Vidal, especial para "O Cruzeiro"

ATE' hoje a moderna cinematographia, a que plasma na Imagem a nota de inconfundivel realismo do Som, não nos mostrou obra tão notavel no seu conjuncto como essa que Paris encerra, porque a perfeição de todos os seus elementos componentes desafia a critica mais severa e rigorosa. Paris é uma dessas formidaveis criações artisticas que marcam uma epocha, pois tudo nessa sensacional super-producção está trabalhado com os requintes de maior apuro e de cuidado maior. Seu enredo é um primôr com mil subtilezas que se desnovela aos nossos olhos, filtrando-se para a nossa alma e empolgando-nos os sentidos, num crescendo, ganhando de scena a scena, mais intensidade. E' na sua simplicidade a curiosissima historia de um provinciano que chega a Paris de olhos fechados e que em pouco fica com elles abertos á fascinação irresistivel de uma mulher de theatro cuja fama e cuja gloria pairavam acima de todas as glorias e famas mortaes... E de tal modo o joven bisonho se prendeu á linda mulher que antes de indagar dos impulsos do seu coração tratou de pedir casasse com elle... A mãe do joven precipitado, ao par da "tentativa" de suicidio do filho, deixa o silencio da provincia, onde, por signal, era Presidente da "Liga Pró-Pureza" e corre a Paris, na ansia de arrancar o filho do abysmo em que tão gostosamente se precipitava Mas a velha, logo que desembarcou e que viu o "partenaire" da futura nóra foi mordida pelo microbio que morde e que contamina quem vae a Paris. E sem serimonia ella se esqueceu da alta dignidade do cargo e da missão que a levara ali, entregando-se, desvairada, nos braços do maior prazer. E, transfigurada, ella passou a viver Paris tal como a grande cidade deve ser vivida, entregando-se a todos os seus delirios e desvarios... Invariavelmente, todas as noites, a velha corria a applaudir o elegante artista, ao lado

Irene Berdoni, alma e vivacidade de França, na vivacidade e na alma da mulher mais perturbadora que a cinematographia nos tem mostrado.

Paris, sendo a historia da paixão de um provinciano que corre estrada, tem parallelamente a revista que o film reproduz, revista de uma experiencia deslumbradora, com o concurso de artistas como Irene Berdoni que apparece com dezenas de "toilettes", como esta, por exemplo.

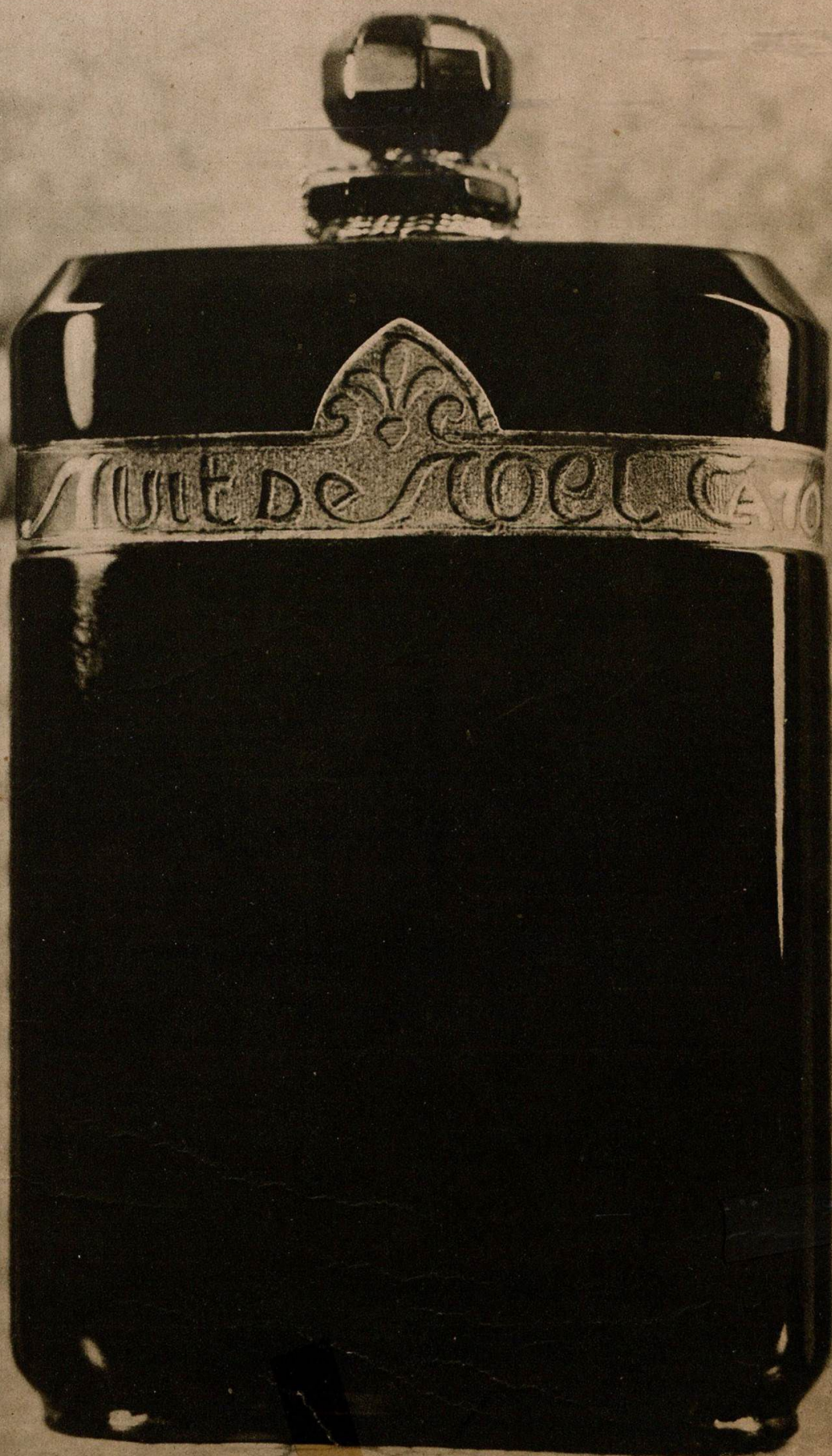
do filho, que applaudia a noiva tambem, Rainha do palco que todos cortejavam... Mas aconteceu que a francêsa que tinha a sua inclinaçãosinha pelo seu "parteniare" começou a aborrecer-se com os carinhos extremados deste pela velha. E mordida de ciumes, tratou de desfazer-se do provinciano para mais á vontade desfazer-se da velha quando descobriu que todo aquelle "amor" que tanto a enraivecera não passava de uma combinação, feita pelos dois para separá-la do joven incauto. E num beijo, que é, sem duvida, o beijo mais humano e mais sentido que a cinematographia já plasmou no celluloide, se entregaram um ao outro, continuando na

O "boudoir" de Irene Berdoni. E' um reflexo da sua elegancia de espirito. Um pouco do seu peccado... da sua vaidade.

JACK BUCHANAN, O BAILARINO FAMOSO, NO MEIO DE UMA REVOADA DE "GIRLS"

vida real a felicidade que gozavam, todas as noites, no palco... Mas todas essas emoções de alta dramaticidade da pellicula, de quando em quando se banham da doce suavidade de um irresistivel *fox-trot* que vem para os nossos ouvidos ao mesmo tempo que nos enchem os olhos revoadas e revoadas de mulheres bonitas, de bonitas pernas e de corpos perturbadores. Passa-se assim, quase insensivelmente, do drama para a revista, mas a revista fina e subtil que tem, vivo, o seu enredo, para se voltar ao fio daquelle, interrompido, agora mais e mais perturbador e emocionante com a vivacidade da francêsa e as "tiradas" da velha. Banhado de musica de rythmos harmoniosos e leves, esse super-film se desenvolve, mais e mais arrebatador, cerrando-se aos nossos sentidos na sua parte final, de maneira que nos deixa saudosos do espectaculo que acabou. E', assim, PARIS, a prova definitiva de que com a evolução da cinematographia mais o theatro se prestigiou e mais se enriqueceu ainda, porque jamais poderiamos vêr e ouvir no palco o que se ouve e vê no milagre que essa pellicula produziu no celluloide!...

EM MEIO Á ESPECTACULOSIDADE SUMPTUARIA DA SCENA, APPARECE IRENE BARDONI, A ALMA DE "PARIS" E O MOTIVO DO EXITO DESSA PELLICULA.

Le Parfum
du
Tabac
Blond
Caron
Caron
paris

Nuit de Noel Caron Paris

PELAS CINCO PARTES DO MUNDO

CURIOSIDADES INGLÊSAS

Os aspirantes a officiaes do collegio inglês de Eton, desfilando com o fusil ao hombro e em trajes de cerimonia.

Photo Consorcio.

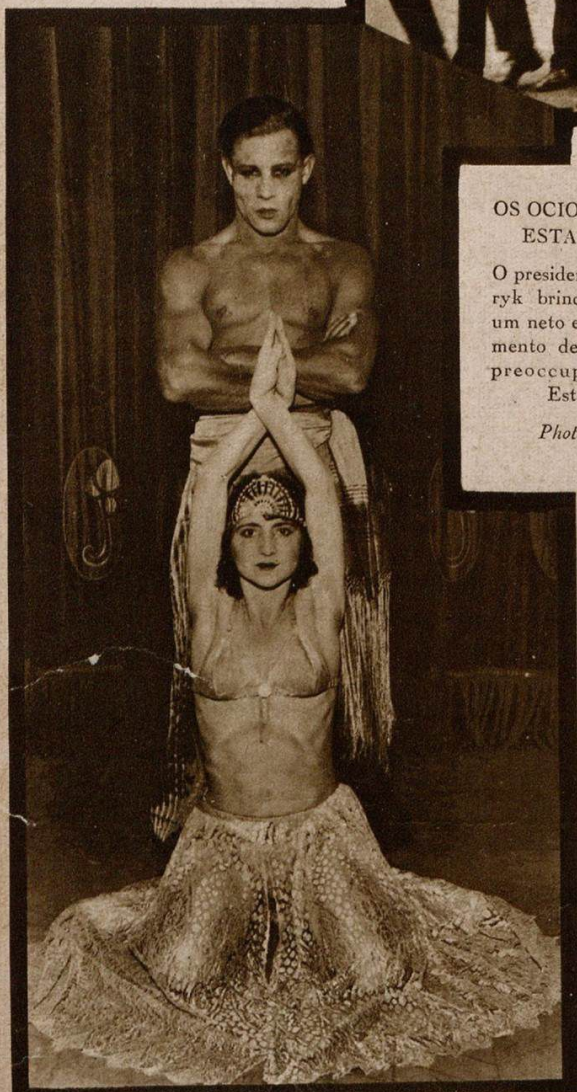
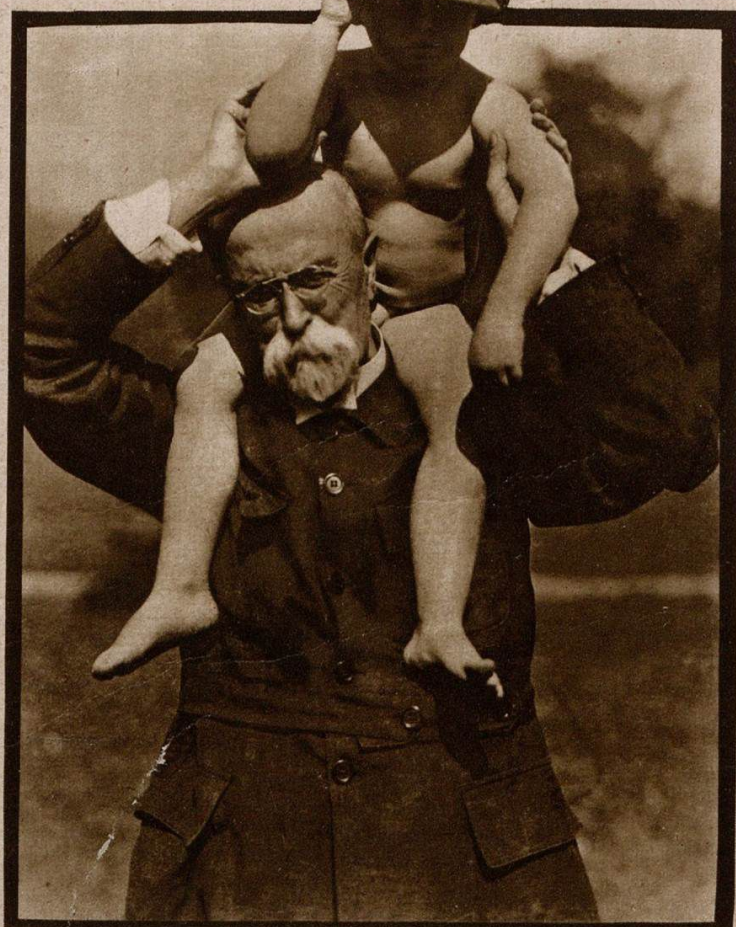
OS BAILARINOS DE ABDUL HAMID

Os ultimos bailarinos de Abdul Hamid, o sultão maldito, Ernesta May e Painter, agora em fóco devido á questão que surgiu nos tribunaes de Londres, em torno á herança daquelle sultão.

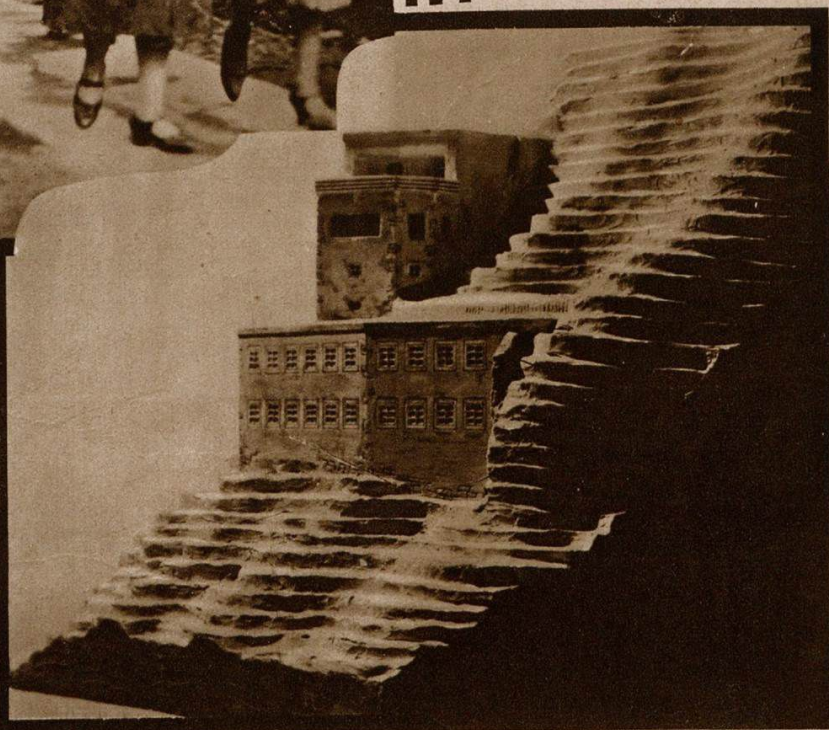
Photo Consorcio.

OS OCIOS DE UM ESTADISTA

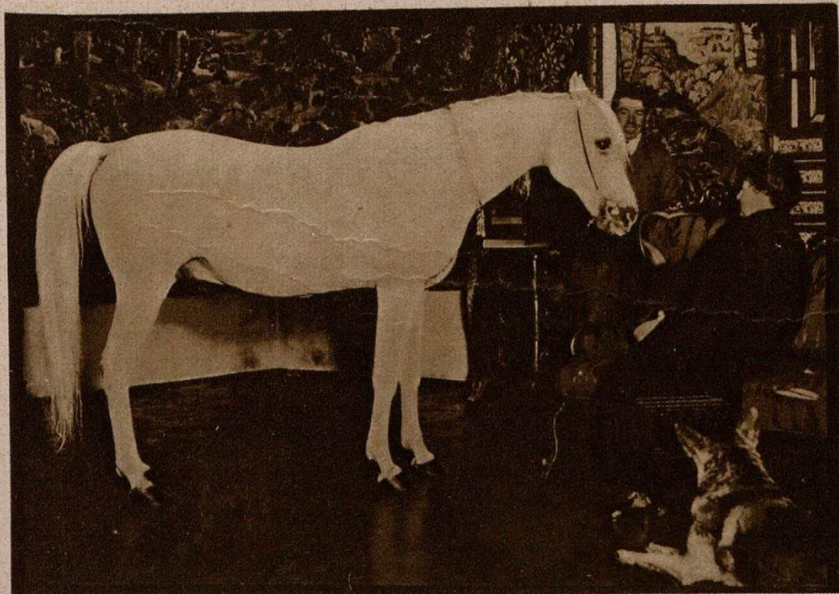
O presidente Massaryk brincando com um neto em um momento de folga das preoccupações do Estado.

Photo Atlantic.

A HYGIENE DOS REIS

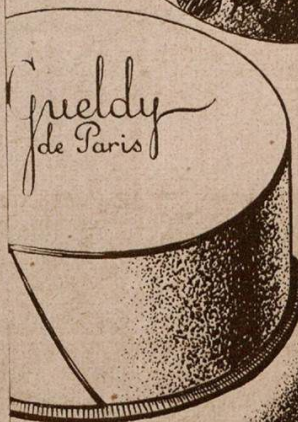
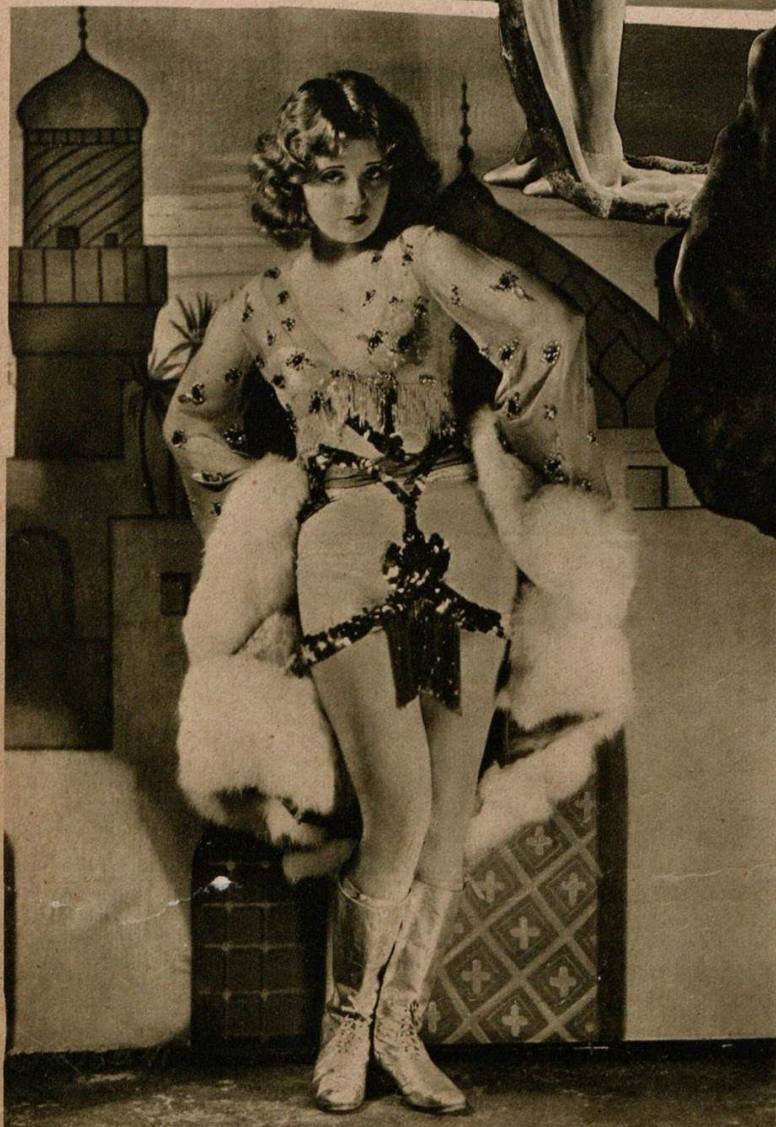
A rainha Maria, da Yugoslavia e a princêsa Helena, da Rumania, mãe do joven rei Miguel, passeando no parque de Belgrado numa manhã de inverno.

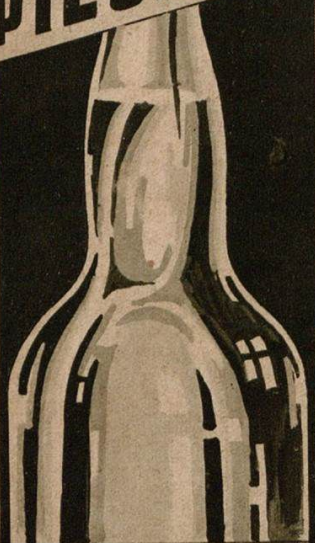
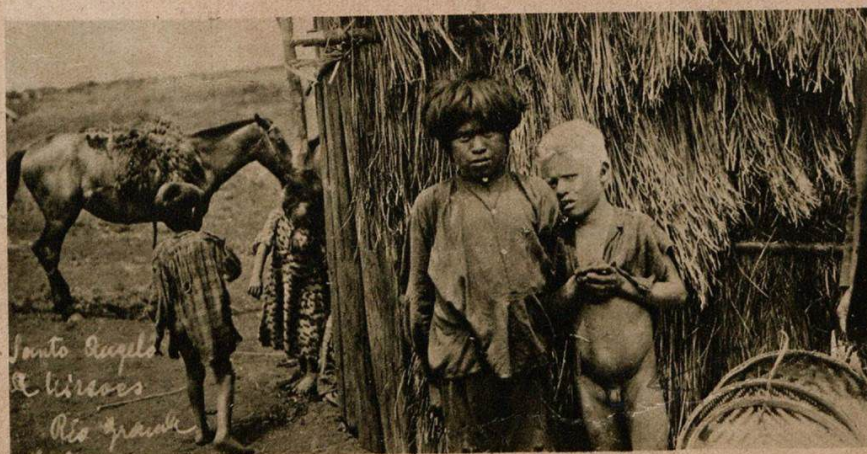
Photo Atlantic.

UM SANATORIO NO JUNGFRAU

A "maquette" para a construcção de um sanatorio para tuberculosos, no Jungfrau, uma das mais altas montanhas nevadas da Suissa, a 3.500 metros acima do nivel do mar.

Photo. Atlantic.

UM CAVALLO RELIQUIA

Na Polonia, no velho castello dos Herzogs Sdugusko, em Tarmow, vive um cavallo arabe que é uma perfeição. Esse cavallo percorre os salões com o seu tratodor. Chama-se Ackmed.

Photo Atlantic.

As lindas actrizes:
Kay Frances
Clara Bow
Nancy Carrol

A Catechese dos nossos INDIOS

Photographias do Snr.
Armando Closs
Carasinho
Rio Grande do Sul

PHOTOGRAPHIAS dos NOSSOS LEITORES

↑ "Fazendo muquéca" — Alagoas. *Photo Armando Lages.*

↑ "Palmeiras amigas" — Parahyba do Norte. — *Photo Democrito Castro Silva.*

Casas de pedra, de garimpeiros, na Bahia. — *Photo Gustavo Procopio Ferreira.*

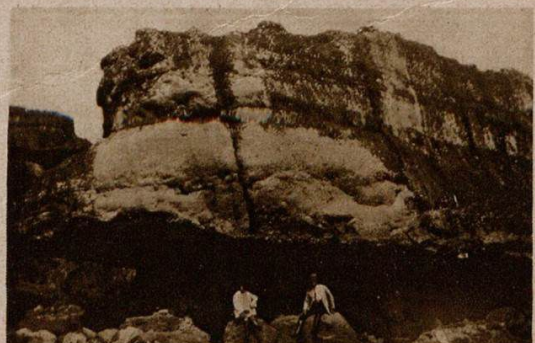
← Dia de inverno em Wiesbaden, instantaneo de L. Sydney Hadock Lobo. *Photo Annibal Gonçalves.*

↑ "Fazenda do Quadro" — Bananal, São Paulo. — *Photo Luiz de A. N. Porto.*

↑ "Lagoa do Norte" — Alagoas. *Photo Armando Lages.*

↑ "Garimpeiros em Andarahy", na Bahia.

← Trecho da estrada que liga Andarahy a Chique-Chique, Bahia, com uma das pedras da zona diamantifera. — *Photos Gustavo Procopio Ferreira.*

← Um trecho do rio da Onça, na fazenda Itaguassú, em Arceburgo, Sul de Minas. — *Photo Mario Guidarizzi.*

Como e quando foi Descoberto o BRASIL

O hasteamento da Cruz em Porto Seguro de Vera Cruz.
(Quadro do pintor Pedro Peres).

NO dia 12 de abril de 1500 os onze navios da segunda armada da India (pois que a nau do commando de Vasco de Ataide se tresmalhara nas alturas de Cabo Verde) haviam transposto o equador e navegavam com proas nclinadas ipara o poente, approximando-se do littoral brasileiro. Tinham passado á vista da ilha de S. Nicolau de Cabo Verde no dia 22 de março, e já a 21 de abril, terça-feira, os navegantes descortinavam os primeiros signaes de terra, a qual avistariam no dia seguinte, ao cair da tarde.

A imagem de Nossa Senhora da Esperança, que acompanhou Pedro Alvares Cabral na viagem do descobrimento

O Brasil foi, pois, descoberto pela esquadra de Pedro Alvares Cabral no dia 22 de abril de 1500. Deste facto possue a Historia a certesa irrefutavel com o testemunho de Pero Vaz de Caminha na sua carta ao rei D. Manuel.

Por que, pois, em divergencia com a verdade historica, commemoramos o descobrimento no dia 3 de maio, quando já a frota descobridora deixára o fundiadouro de Porto Seguro e proseguira na sua interrompida viagem, rumo á India?

Tem-se pretendido explicar essa anomalia invocando a correcção do calendario gregoriano. Ora, a correcção chronologica introduzida pelo Papa Gregorio XIII no calendario juliano, em 1582, e que consistiu na suppressão de dez dias, transporia a data da commemoração para 2 de maio. E', como se vê, uma explicação que não explica coisa nenhuma, e nem se compreenderia a excepção singular e aberrante de tal correctivo, sabido que toda a chronologia historica anterior a 1582 se conservou universalmente intacta.

A acção retroactiva da reforma gregoriana é insustentavel.

Foi por occasião de reunir-se em 1823 a primeira Constituinte que o deputado por Minas Geraes, Antonio Gonçalves Gomide, suggeriu a José Bonifacio, por insinuação do deputado Diogo de Toledo Lara Ordonhes, que fosse escolhido o dia 3 de maio para a abertura da Assembléa, por ser o do descobrimento do Brasil. A carta de Gonçalves Gomide acha-se publicada, desde 1885, na *Revista do Instituto Historico e Geographico do Rio de Janeiro.* O seu alvitre foi aceito na sessão preparatoria de 30 de abril de 1823. A Constituição do Imperio, outorgada por D. Pedro I, designou a mesma data de 3 de maio para a reunião do Corpo Legislativo. Por sua vez a Constituição da Republica manteve-a, inalterada.

Foi assim, devido ao erro em que laborava o deputado por Minas Geraes, (embora Ayres de Casal, desde 1817, tivesse publicado na sua *Corografia Brazilica* a carta de Caminha, de onde se infere inequivocamente que o descobrimento do Brasil succedeu a 22 de abril), que se officialisou a data de 3 de maio como sendo a do descobrimento. Esse erro foi consagrado por uma assembléa de politicos pouco doutos em assumptos historicos, muito embora quase todos de reconhecida cultura em outras espheras dos conhecimentos humanos, e possivelmente o deputado Gonçalves Gomide estava convencido ter sido o Brasil descoberto a 3 de maio, dia em que a Igreja celebra a Invenção da Santa Cruz, quando suggeriu a José Bonifacio o aproveitamento da data historica para a sessão inaugural das Constituintes.

Tudo o mais que se tem dito só serviu para complicar um pequeno problema que se resume ao equivoco inicial dos politicos da Independencia acerca da data do descobrimento.

Tenhamos como assente, aliás com o *placet* de todos os nossos historiadores, que foi aos 22 de abril de 1500 que as tripulações dos onze navios de Cabral avistaram o Monte Paschoal, um dos pincaros da cordilheira dos Aymorés.

Poder-se-ia objectar que na chamada "narração do piloto anonymo", uma testemunha, em contradicção com a

Os tubarões e os peixes voadores dos mares tropicaes em uma gravura do seculo XVI.

carta de Caminha, indica o dia 24 de abril como sendo o do descobrimento. Porém, a divergencia é apenas apparente. No texto anonymo lê-se: *"Aos 24 de abril, que era huma quarta feira do outavario da Pacshoa, houvemos vista de terra..."* E' Caminha quem tem razão. A quarta feira do oitavario de Paschoa, no anno de 1500, caiu em 22 de abril.

As duas testemunhas presenciaes do descobrimento de Vera Cruz, cujos depoimentos chegaram até nós, indicam o mesmo dia da semana. Caminha escrevia poucos dias depois; o piloto presumivelmente só principiou escrevendo mais tarde a sua relação, e esta circumstancia explica o seu equivoco quanto á data. Na narrativa anonyma o descobrimento do Brasil occupa apenas tres pequenos capitulos incompletos (ao todo umas quatrocentas palavras). Na epistola de Caminha, a que Capistrano chamou "a certidão de baptismo do Brasil!", o descobrimento é, salvo as linhas prefaciaes, o assumpto exclusivo da narração.

Se para a divergencia entre a data official e a data historica do descobrimento é facil encontrar a explicação irretorquivel, o mesmo não se dá com a divergencia estabelecida acerca do acaso ou proposito do descobrimento.

Na maioria dos livros escolares de Historia Patria, o descobrimento é dado como occasional, ao passo que a corrente erudita se pronuncia em favor do descobrimento proposital. Da mesma opinião se mostram, em quase unanimidade, os technicos navaes que estudaram as condições nauticas da viagem.

Um documento historico em que se affirme a circumstancia occasional não existe. Um documento historico em que se prove irretorquivelmente o proposito não existe tambem.

E' pois necessario que nos guiemos pela razão e se infiram do descernimento as condições em que se realizou o descobrimento do Brasil.

Para começar deve ter-se presente que nenhum descobrimento português, salvo o de ilhas incognitas encontradas no decurso das viagens, foi occasional. As navegações portuguêsas de mar alto iniciaram-se com a procura ou redescoberta dos archipelagos da Madeira e Açores. Em seguida applicam-se á circumnavegação da Africa e ao consequente caminho maritimo da India.

Para se admittir que o Brasil foi descoberto por acaso será pois indispensavel considerar que elle se encontrava na rota dos navegantes e a verdade é que nenhum technico naval pode sustentar que para dobrarem o continente africano os nautas da esquadra de Cabral, entre os quaes se contavam Bartholomeu Dias, descobridor do Cabo da Boa Esperança, e Nicoláu Coelho, companheiro de Vasco da Gama, precisassem de obliquar tão consideravelmente para poente até tocar no littoral brasileiro.

O desvio é tamanho que nenhuma outra armada subsequente o repetiu. Depois de Cabral, as esquadras da India não tocam mais no Brasil.

A parte da ré de uma nau portuguêsa do fim do seculo XV, segundo a reconstituição de Roque Gameiro na HISTORIA DA COLONISAÇÃO PORTUGUESA DO BRASIL

Em favor da these do acaso invoca-se, porém, um argumento que parece impressionante. Como poderia ser proposital o descobrimento de uma terra desconhecida? Mas o argumento não presta, pois o prolongamento para o sul de Paria das regiões occidentaes descobertas por Colombo não era alheio ás cogitações dos geographos e dos navegadores.

Hojeda e Pinzon, e o proprio Colombo, dirigiam os seus navios, a esse tempo, para as regiões equatoriaes americanas.

A ultima viagem de Colombo fora traçada com o programma de descobrir as terras austraes.

Depois do achado de Paria os descobrimentos hespanhoes e portuguêses na

mada de Cabral passar no archipelago de Cabo Verde sem fazer aguada.

Pela primeira e unica vez uma esquadra da India se aventurou a dobrar o Cabo da Boa Esperança sem refazer nas ilhas de Cabo Verde a sua provisão de agua. Se o Brasil não existisse, Cabral não teria chegado á India.

Quando se approximaram do littoral brasileiro, os navios da esquadra tinham quase esgotada a sua provisão de agua. Mesmo na nau capitanea a agua era já intragavel. Os indios recolhidos a bordo regeitavam-na. Ora, não é concebivel que o commandante de tamanha armada e responsavel por tantas vidas descurasse de metter agua em Cabo Verde, a menos de estar convencido de poder prover-se durante a morosa derrota para o Cabo.

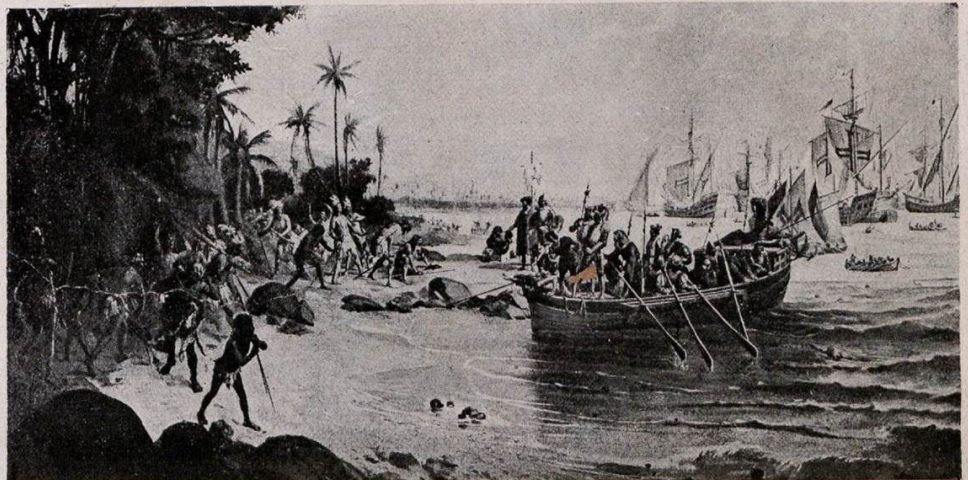
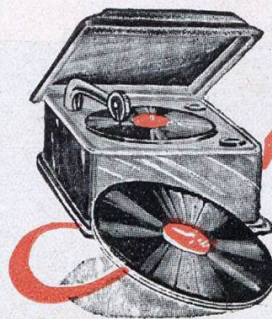
Proposital ou occasional, o certo é que, na tarde de 22 de abril de 1500 o descobrimento do Brasil foi realizado pela segunda armada da India. Se nos falta o documento irrefutavel que prove o designio do descobrimento da terra occidental naquella latitude, não é menos certo que só na presumpção dos historiadores se originou a versão do acaso, contra a qual se oppõem as autoridades em materia nautica.

P. N.

Interior de uma nau portuguêsa do fim do seculo XV. A proa, segundo a reconstituição de pintor Roque Gameiro

America deixam de ter um caracter occasional. São descobrimentos que obedecem a um proposito consciente. São meras procuras de terras que se presume existirem. Ainda se pode alegar que os hepanhoes, ainda por algum tempo, imaginavam, como Colombo, navegar nos extremos littoraes asiaticos. Esse equivoco não durou muito, e aliás nelle nunca compartilharam os portuguêses, que sempre, desde começo, distinguiram a India das novas regiões reveladas por Colombo.

Mas ha um novo e vigoroso argumento em favor da these erudita do proposito. E' o facto de a grande ar-

O descobrimento do Brasil. (Quadro do pintor Oscar Teixeira da Silva)

A Symphonia em si menor (Pathetica) de Tschaikowky é das mais apreciadas, talvez porque exprima melhor que as outras o sentimento dominante no espirito do compositor: a melancolia caracteristica da alma slava. Aliás, só por isto mostra Tschaikowsky que é russo, o que não lhe diminue o valor, antes o torna mais facilmente comprehensivel e apreciado por certa classe de amantes da musica. Modificando a sequencia classica dos movimentos, o ultimo desta symphonia, em vez de ser Alegro habitual, é um Adagio Lamentoso, como se o compositor quizesse gravar no coração dos auditores sua tristesa e uma especie de cancaço da vida, como uma sensação precursora da inutilidade de todo o esforço; o desolado fatalismo slavo. A execução pela Orchestra Symphonica regida por A. Coates (VICTOR n.º 9.050 a 9.054) é magistral, como magistral é a gravação que a torna uma obra notavel para os discophilos. Das gravações nacionaes da Victor, destacamos o n.º 33.204 em que a voz embaladora de Jessy Barbosa nos commove com as canções sertanejas: *Minha viola* e *Coração de Cabocla*. Gravação nitida.

Manda-nos POLYDOR o D. Juan de Ric. Strauss (n.º 66.902 a 03). O grande musico ostenta neste poema symphonico a maravilhosa riqueza da sua orchestração poderosa e original, de que não se perde o matiz mais fugitivo, graças á gravação perfeita da Polydor e á interpretação vibrante da orchestra da opera de Berlim que sob a batuta do proprio Ric. Strauss, cinzela as phrases, põe em relevo todas as intenções do autor com assombroso poder suggestivo. Estes dois discos são imprescindiveis nas collecções de quantos amam a verdadeira musica. O n.º 566.008 dá-nos dois trechos da Herodiade, de Massenet: a *Aria de Herodes*, pelo barytono Couzinou, da Opera de Paris, e *Aria de Salomé* por mlle. Haramboure, do mesmo theatro, cuja voz crystallina e nitida articulação são encantadoras.

A sra. Alda Verona, com sua voz de timbre seductor, já agora de maior poder suggestivo porque, graças ao aperfeiçoamento da artista na articulação, permitte-nos ouvir ás palavras cantadas, detalha com muita intenção os versos de *Falando do meu boneco*, poesia da talentosa escriptora Esther Ferreira Vianna. Para o cantor a qualidade da voz é como o colorido para o pintor. Mas do mesmo modo que a cor só adquire seu mais forte valor quando é sustentada pelo arcabouço de um desenho solido, assim a mais linda voz só tem todo o encanto quanto a sustenta uma boa dicção, impossiveis em uma articulação clara. O disco é muito interessante, pois a musica de Pery Pinheiro adapta-se perfeitamente ás palavras (ODEON, 10.592) Caracteristicamente regional é o n.º 10.591 em que Manoel de Lino com o grupo Alma do Norte faz-se ouvir em *Mantei sentá o vapo!* e *Pisa pilão*. Boa gravação.

Regendo a orchestra da Opera de Berlim, A. Bodanzki interpreta a ouverture da *Flauta Magica*, de Mozart, com a simplicidade e o espirito que a musica do grande compositor pede. A gravação PARLOPHON (20.091) é impeccavel permittindo distinguir todos os naipes orchestraes com seus timbres puros. Disco de collecção. Edith Lorand com sua orchestra é admiravel (n.º 12.214) em *Campane a sera* e *Serenata di baci*. Bella gravação.

Da gravação nacional BRUNSWICK destacamos o 10.042 com a marcha *Vamos deixar de encrenca*, canto por A. Amaral e *E's engraçadinha*, por Bidú e o n.º 10.049, caracteristicamente regional, com *No Sarguêro* e *Dá nelle*, por I. Norat e o grupo *Gente do Morro*. Boas gravações.

Mais um milagre de perfeição conta a COLUMBIA com a edição da opera Completa de Donizetti: Lucia de Lammermoor. Mercedes Capsir é a cantora sonhada para o papel de Lucia, pela suavidade crystallina da voz, maravilhosa agilidade e afinação dos agudos. De Muro Lomanto, tenor, Molinari, barytono, Bancaloni, baixo, cantam seus papeis com bellas vozes e com o estylo que o genero requer. Ao regente, cav. L. Molajolo coube o trabalho de coordenar os esforços dos artistas, unindo-lhes a interpretação no sentimento delicado da melancolia que domina toda a opera dando-lhe uma unidade rara no repertorio italiano. Muito bem tocado o solo de harpa no I acto: o flautista que acompanha a scena da loucura de Lucia (III acto) fá-lo admiravelmente os coros e orchestra do Scala de Milão são impeccaveis. (COLUMBIA — 14.608 e 14.620).

CONCERTO DF MUSICA SERIA

COLUMBIA — 11.634 — Rossini — O Barbeiro de Sevilha — ouverture, pela orch. symphonica de Milão, regida por L. Molajoli.

VICTOR — 6.694 — Wagner — (a) Lohengrin — O sonho de Elsa — (b) Taunhauser — A Oração de Elisabeth, pela soprano Maria Jeritza.

POLYDOR—66.902-3—Ric. Strauss — D. Juan — poema musical, pela orch. da Opera de Berlim, regida pelo autor.

COLUMBIA — 14.558 — (a) Verdi — Othello — Credo — (b) Rossini — Barbeiro de Sevilha — Largo al factotum, pelo barytono E. Molinari.

VICTOR — 6.863-4 — Liszt — Os Preludios — pela orch. symphonica de S. Francisco, reg. por Alf. Hertz.

POLYDOR — 66.895 — Wagner — (a) Walkyria — A Cavalgada — (b) Tristão e Isolda. Morte de Isolda, pela orch. da Opera de Berlim, reg. por Max von Schillinger.

VICTOR — 4.115 — (a) Godowxky — Alt Wienen — (b) Debussy — Preludio em la menor, para piano, por Isabel Yalkowsky.

CONCERTO DE MUSICA LEVE

COLUMBIA — 9.504 — Bizet — Entreacto da Carmen, pela Banda da Guarda Republicana de Paris.

BRUNSWICK — 40.874 — Camacho y Cano — (a) Esas son bambas — por Pilar Arcos — (b) El Aji — pelo Grupo Camacho y Cano.

POLYDOR — 27.113 — A. Messager — Veronique — fantasia, pela orch. symphonica de Berlim, reg. por Jos. Snaga.

BRUNSWICK — 40.879 — (a) Cristobal — Valencianas — (b) Virgencita Macarena, por Pilar Arcos e os Castillans.

MUSICA REGIONAL

COLUMBIA — 5.190 — Stefana de Macedo — (a) Rede do Cearç — Olelé Tamandaré, por Stefana de Macedo, com violões.

BRUNSWICK — 10.043 — (a) Caldeira — Choraminguando — pela orch. Brunswick — (b) A. Moreira — Não posso com tua vida, samba, por Bidú,

PARLOPHON — 13.134 — W. G. Silva — (a) Eu vivo arrependido — (b) Você me abandonou, sambas, por W. G. Silva e Simão Nacional Orchestra.

VICTOR — 33.266 — R. S. Mello — (a) Tracuá me ferrô — (b) Chô acauan, lundú, por Brenno Ferreira, com choro e côro Victor.

COLUMBIA — 5.179 — Jayme Redondo — (a) Eu quero já, — (b) Rumores do sertão, por Lila Dias, com Gáo, Zezinho e Petit.

MUSICA DE DANSA

ODEON — 1.646 — (a) Berlin — Waiting at the end of the road — (b) Yellen — I'm doing what I'm doing for love, fox trots, pela orch. Ed. Loyd

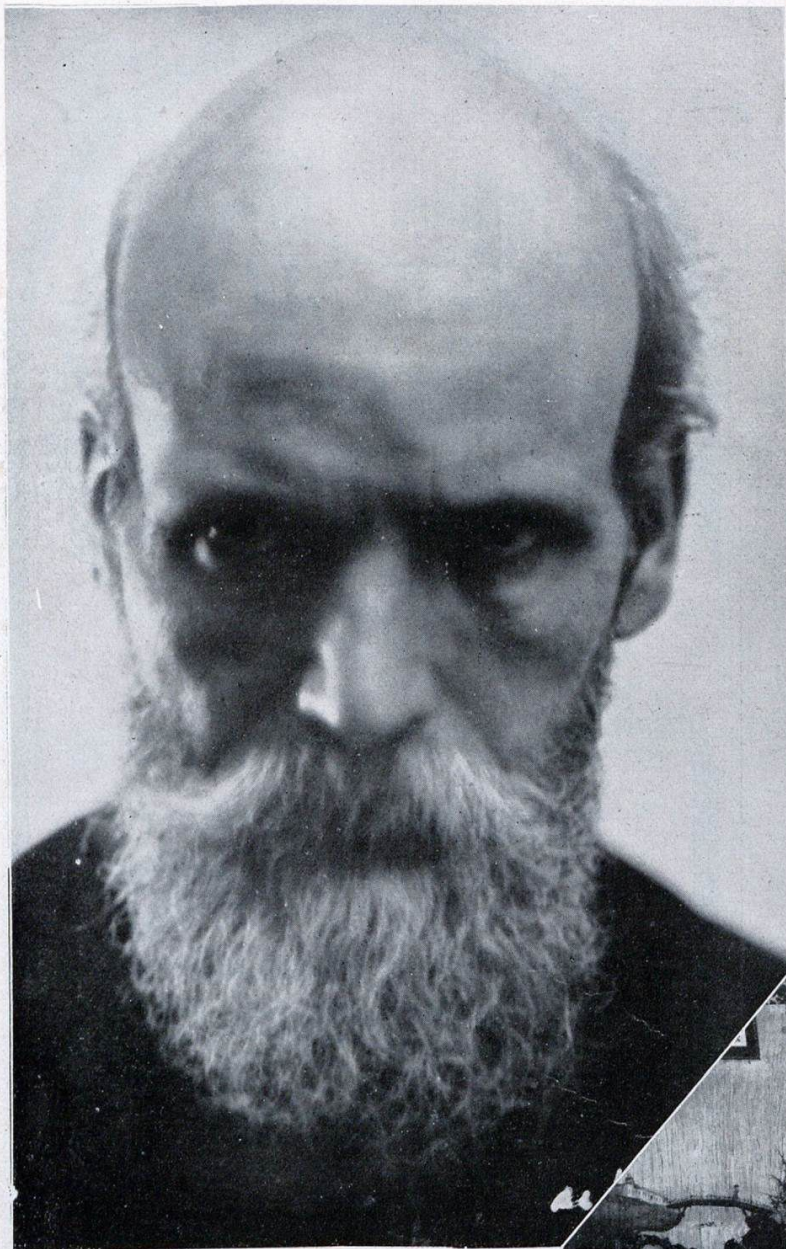
BRUNSWICK — 4.120 — (a) Whiting — Round the evening — (b) Gortler — The whole world knows I love you — pela orch. Kenn Sisson.

PARLOPHON — (a) Wayne — Cuando el amor llega — valsa — (b) Domeneck — El barbijó — tango, pelo Principe Azul.

BRUNSWICK — 4.125 — (a) Dublin — Ev'rybody loves you — (b) Leslie — Me and the man in the moon — foxes, pela orch. Paramount de A. Johnson.

ODEON — 1.649 — (a) Domenech — El barbijo — tango — (b) M. Gonzalves — Margaritas, tango, pela orch. Typica Roberto Firpo.

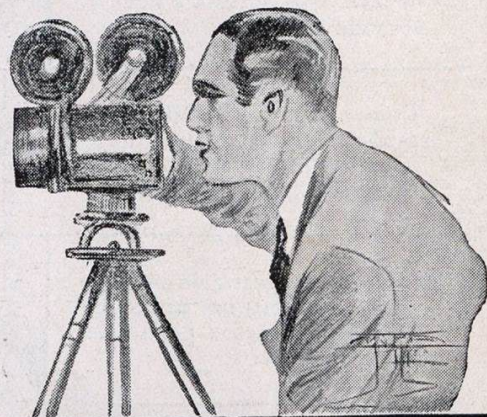
F. G. D.

EM O CRUZEIRO OS ANNUNCIOS SÃO PARTE INTEGRANTE DO TEXTO E NELLE COLLOCADOS COMO FACTORES INDISPENSAVEIS Á BELLEZA E HARMONIA DAS PAGINAS.

Antonio Carneiro, o illustre pintor português recentemente fallecido

(Phot. De Los Rios)

A chegada do Sr. Ministro da Agricultura, de sua viagem a S. Paulo.

Aspecto da sessão entre os representantes do Lloyd Nacional e da União dos Trabalhadores Portuarios para a realização de um accordo sobre os embarques do pessoal maritimo.

Aspecto do 2.º Congresso Constituinte Espirita

A estranha aventura matrimonial de Loretta Young e Grant Whiters

LORETTA Young, joven estrela cinematographica tão linda quanto timida, acaba de viver para a chronica escandalosa de Hollywood uma aventura em tudo digna de figurar entre essas coisas estranhas que a gente de cinema eternamente pratica para dar pasto á bisbilhotice dos jornalistas. O caso que vem de passar-se com Loretta Young é, em si mesmo, tão original, que acreditamos a sua aventura verdadeiramente inedita na historia matrimonial de todos os tempos.

Ha muitos mêses que a encantadora Loretta era noiva official de Grant Whiters, astro do elenco da Warner Bros. e uma das figuras masculinas mais esperançosas da tela. O casamento estava sendo adiado indefinidamente, em virtude da opposição formal da sra. George Belzer, mãe de Loretta e de outras duas lindas raparigas do cinema que se chamam Polly Ann Young e Sally Blane.

A sra. Belzer perde todo o seu tempo em cuidar das suas tres filhas e negava-se terminantemente em consentir no casamento de Loretta, a quem ella considera a sua filha mais querida, com Grant Whiters, achando-a muito joven ainda para arcar com as responsabilidades da menagère em que ella se obstinava em transformar-se.

Grant, porém, que não conhece obstaculos, deliberou realizar um rapto, verdadeiramente cinematographico e, assim, evadiu-se em companhia da sua promettida, de avião, para a cidade de Yuma, no Estado do Arizona, casando-se no mesmo dia, antes da meia-noite e regressando, no dia seguinte a Hollywood, ao escurecer, emquanto que a sra. Belzer já havia dado o alarma, avisando a policia do desapparecimento mysterioso da sua filha.

Grant Whiters, que é um homem prevenido e dotado de um espirito pratico fóra do commum, havia arrendado previamente uma confortavel e luxuosa vivenda em Beverly Hills, para ali installar o seu ninho, de modo que a sua noite de nupcias transcorreu sem que o feliz par de namorados fosse incommodado pela indesejavel presença da sogra.

LORETTA YOUNG

Mas, no dia seguinte, o despertar não foi tão doce como o amanhecer. Um piquete de policiaes, acompanhando a senhora Belzer, descobriu a occulta morada, onde Cupido havia de reinar apenas por uma noite, e ás 10 horas da manhã, Grant continuava a gozar a sua lua de mel, no Departamento de Justiça local e Loretta chorando desesperadamente em "casa da mamãe". Dois dias depois de interminaveis interrogatorios perante o juiz, Grant Whiters, Loretta Young e "mamã Belzer chegaram a um accordo amistoso: annullar o casamento, com a promessa da sogra de dar o seu consentimento, ao fim de um anno, quando a rapariga completasse a idade de 18 annos, para que novamente se casasse. Whiters, assim mesmo muito triste, fechou a chave a sua nova casinha, declarando que não tornaria a por nella o pé, senão dai a 365 dias, quando lhe fosse dado continuar a sua lua de mel, tão estranhamente interrompida.

Mas, como uma desgraça nunca vem só, no mesmo dia em que Grant perdeu por um anno a sua esposa, naturalmente por ter os nervos abalados pelo choque, desrespeitou duas vezes os regulamentos policiaes de transito e feriu cinco estudantes que viajavam em um automovel, que foi apanhado pelo carro do nosso heroe, ficando completamente inutilisado.

Além disso, a sua primeira esposa, de que se houvera divorciado alguns mêses antes, iniciava uma acção contra elle, allegando perante a justiça que era muito pequena a mesada que recebia para a sua manutenção e da sua filhinha, especialmente agora que Grant acabava de firmar excellentes contractos com a Warner Bros.

Eis ahi como Grant Whiters pode vangloriar-se de ter sido o homem que já teve a lua de mel mais curta no mundo, ao mesmo tempo que é divorciado, casado, separado da esposa, isto é, solteiro e viuvo ao mesmo tempo...

❖ ❖

A PRIMEIRA PELLICULA FALADA EM HESPANHOL

"Sombras de Gloria", a primeira pellicula falada em hespanhol, no mundo, acaba de ter no "Theatro Criterion", de Los Angeles, uma "première" sumptuosa, com a assistencia das figuras mais importantes do meio cinematographico de Hollywood e uma verdadeira multidão de pessoas de raça hespanhola. A' entrada do Theatro, a Fox filmou uma pellicula detalhada da chegada dos principaes interpretes. José Bohr, Mona Rico, Tito Davison, Francisco Maran e alguns mais fizeram pequenos "speechs" de saudação, os quaes foram escutados antes da exhibição propriamente dita de "Sombras de Gloria". Depois da apresentação, o actor americano Regy-

nald Denny apresentou pessoalmente os interpretes ao publico, que os ovacionou demoradamente.

"Sombras de Gloria" estreiou, batendo todos os records anteriores de bilheteria.

OS ARTISTAS TAMBEM SOFFREM ACCIDENTES

Dorothy Mackail recebeu algumas lesões internas por ter sido accidentalmente atirada contra um piano, por occasião da filmagem recente de uma pellicula nos studios da First National Pictures.

Richard Arlen foi ferido na cabeça por uma cadeira atirada quando se filmava uma scena de luta do seu ultimo film para a Paramount.

Kay Johnson, protagonista de "Dynamite", da Cecil B. de Mille, soffreu lesões graves, resultantes de um choque de automoveis, quando actuava deante da camera.

JOHN BARRYMORE VAE FILMAR NOVAMENTE A "FERA DO MAR"

John Barrymore annunciou ultimamente o seu proposito de filmar novamente "A Féra do Mar", em que elle serviu de protagonista, ha alguns annos, tendo como partenaire Dolores Costello, que agora é sua esposa. Desta vez, John Barrymore escolheu para sua *leading woman* a actriz Joan Benett.

REGISTO DE DIVORCIO DAS ESTRELAS

Joseph Schildkraut divorciou-se, ha poucos dias, de sua esposa Elise Bartlett.

Mildred Harris, ex-esposa de Charles Chaplin, acaba tambem de separar-se do seu ultimo marido, Everett Terence Mac Govern.

Têm ganho ultimamente vulto os rumores, de ha certo tempo, postos em curso em Hollywood, de que cada dia se accentuam as divergencias surgidas entre Gloria Swanson e seu esposo, o Marquês de La Falaise de La Coudray.

A DEDICAÇÃO DE LEW CODY

Mabel Normand está gravemente enferma, atacada de tuberculose, e afastada do écran, ao que parece definitivamente, pois, não ha esperança de salvamento da linda estrela. Agora mesmo, os medicos assistentes, fizeram em Mabel tres transfusões de sangue successivas, com o fim de levantar as suas forças. O seu esposo Lew Cody tem permanecido, desvelado, junto ao seu leito, recusando propostas de trabalho em differentes studios, para não abandonar a esposa, ás portas da morte.

Lew Cody

OS QUE REAPPARECEM

Bert Lytell e Herbert Rawlinson, de quem os nossos leitores, por certo, já estão esquecidos, voltaram á actividade dos studios e estão filmando novas pelliculas faladas.

Alma Rubens, curada completamente do uso dos entorpecentes que a prenderam ao leito de um sanatorio, durante quase seis mêses, recebeu uma carinhosa manifestação ao apparecer em um espectaculo de beneficio realizado num theatro particular da Associação de Escriptores de Hollywood.

UM ATTENTADO CONTRA SALLY O'NEIL

Ha poucos dias, a sociedade de Los Angeles foi surpreendida pela noticia de um attentado contra a vida de Sally O'Neil, que teve a felicidade de sair illesa.

Viajava a querida estrela, de automovel, em companhia de sua irmã Molly O'Day, quando ao passar em pleno boulevard de Hollywood, um desconhecido disparou contra a sua carruagem um tiro de pistola. O projectil atravessou o para-brisa do carro, sem comtudo ferir nenhuma das duas passageiras. A policia até hoje ainda não logrou descobrir o autor do attentado.

Sally O'Neil

O Bandeirante do Amor

(Continuação da pag. 19)]

dois cavalheiros, a discutir o destino de alguem que nos é querido e convém que tratemos claramente de um assumpto magno. O vosso orgulho não pode ser offendido, uma vez que porei em jogo o meu tambem. Sabeis o que somos no seio da fidalguia da colonia? Nobres de primeira linhagem na metropole, só poderiamos colher posições e mandos aqui na capitania á custa do sacrificio do nosso orgulho deante da fidalguia bastarda que se impôs com a arma da intriga. Sabeis que nada tenho e mais ainda que, com a minha morte, o que breve succederá, o governador certamente dará como suspensa a pensão de cruzados que me concede em virtude do meu cargo e como recompensa dos serviços prestados á colonia. Vós, por vossa parte, ficastes orphão cedo demais para que vosso pae vos pudesse garantir um futuro e tendes orgulho demasiado para sacrificar as tradições do vosso nome e da vossa familia a troco do que vos poderiam offerecer aquelles que forçaram o exilio voluntario de vosso pae e meu amigo. Não podeis pensar na carreira das armas, porque infelizmente as dragonas se fundem na metropole e os annos, além da morte do nosso saudoso soberano, devem ter deixado esquecido, na côrte, o nome dos nobres de Mendaço...

D. Antonio fez uma pausa, emquanto fixava o rosto impassivel e sincero de don Sebastião. Respirou profundamente e proseguiu.

—Minha filha é tudo que resta á minha velhice amargurada e creio mesmo que Deus me livrou das clavas dos bugres para que eu tivesse a felicidade de ampará-la. Eu não a darei ao mais rico bastardo da colonia, mas gostaria de, entregando-a a um fidalgo da vossa linhagem, sabê-la garantida contra as incertezas do futuro...

—Tendes razão, don Antonio. O meu presente não offerece muito...

—Mas sois moço e tendes meios de arrancar da vida tudo que desejardes.

—Quereis dizer, então?...

—Que se amaes a minha filha e se ella vos quer como eu não duvido, os dias de espera devem significar bem pouco...

D. Sebastião curvou a cabeça, pensativo, sob o olhar bom de don Antonio que, compreendendo a luta travada na alma do mancebo, guardou silencio. Por fim o joven levantou o rosto, com uma fulguração a illuminar-lhe o olhar.

—Dois annos, don Antonio seria espera demasiado longa?

—O tempo nunca é longo quando quem promette é um cavalheiro.

—Mas são dois annos que passarei fóra da capitania, dois annos durante os quaes ninguem me verá!

—Não importa! Vós levaes a minha palavra!

D. Sebastião levantou-se, ardoroso, resoluto, com os olhos a falar de uma vontade inflexivel. D. Antonio contemplou-o assim, não disfarçando a satisfação que lhe dava o admirar aquelle porte arrogante, o auscultar aquella alma admiravel e, como para animá-lo perguntou sorrindo:

—Quereis despedir-vos de vossa noiva?

D. Sebastião curvou-se, agradecido:

—Se achaes que mereço tanta graça...

Dias depois, as primeiras luzes de um amanhecer dourado foram encontrar, a dez jornadas da então villa de S. Paulo, um troço de homens armados que seguia a trilha difficultosa do sertão bruto. Era mais uma bandeira que partia, levada pela illusão do ouro, preparando, sem o saber a estrada plana por onde devia caminhar o progresso do futuro.

A' frente delles, moço e ardoroso, don Sebastião, o ultimo varão da familia dos Mendaço, o fidalgo que trocára o florete dos salões pela durindana dos seus antepassados, o heroe que voluntariamente escolhera para a luta o mais ingrato de todos os campos de batalha.

Era a hora em que a bandeira despertava do somno sobresaltado dormido sob as arvores, para vencer mais uma etapa a caminho do desconhecido augmentando a distancia que separava os bandeirantes do mais proximo centro civilizado. A's primeiras horas do novo dia os exploradores indios haviam partido, marcando a trilha que a tropa devia seguir depois e os homens iam lentamente encilhando os animaes, dobrando as mantas, facilitando avanço aos conhecedores do terreno. Afinal, quando o sol resvalou sobre as folhas mais altas do arvoredo, produzindo iris nas gotas medrosas de orvalho, don Sebastião mandou montar, postando-se á frente da columna. E lentos, muito lentos, começaram a desfilar os homens, quase em silencio, mosquetes sobre o cabeço da sella, ouvido alerta, attentos ao primeiro signal de luta.

Devia a tropa levar uma hora de marcha através a floresta densa, quando de subito estrugiu na matta o rumor de uma carreira que encontrava éco facil sob as copas fechadas. D. Sebastião immobilisou a montaria, ao mesmo tempo que apertava o mosquete na mão. A tropa seguiu-lhe o exemplo, ansiosa. Um minuto depois surgia de entre as arvores a figura offegante de um dos batedores.

—Os indios! — clamou elle num esforço. E caiu de bruços, deixando ver um fio de sangue que lhe corria pelas costas.

O fidalgo de Mendaço pôs-se em pé nos estribos, auscultando a mattaria silenciosa e voltou-se depois para os seus homens, tentando ler-lhes na physionomia o effeito do tragico annuncio. Na sua frente, até onde as arvores permittiam que a vista alcançasse, encontrou apenas rostos impassiveis, que falavam de uma indifferença absoluta.

Sorriu intimamente, pensando que Anselmo soubera escolher a gente para a sua bandeira. Desembainhou a pesada durindana e deixou cair, clara e forte, uma phrase que o vento levou por entre os troncos:

O caminho do sertão é este e é por aqui que eu vou passar!

Não houve uma voz para responder áquella. Apenas lenta, muito lentamente, a tropa começou a se embrenhar entre as arvores, seguindo o rastro que deixára nas hervas rasteiras o bandeirante do amor...

. . . .

Seis mêses depois, ao anoitecer, um homem entrava na villa de São Paulo. Já havia soado o Angelus e as sombras, quase densas, punham silencio absoluto nas ruas onde não se via um vulto.

O recem-vindo percorreu quatro ou cinco beccos, passando sempre rente aos muros das casas e foi bater á porta da loja do vendedor de alfaias da villa.

—Quem bate? — perguntou uma voz, de dentro

—E' amigo, don Christovam!

Ouviu-se correr um ferrolho e na abertura da porta, de candeia em punho, appareceu o negociante.

—Que me quereis?

Sem pronunciar palavra, o desconhecido forçou a porta entre-aberta e entrou, collocando-se entre a candeia e a pesada folha de madeira que empurrou atrás de si. O mercador, erguendo acima da cabeça a fumacenta luz, examinou o forasteiro com olhar desconfiado. A roupa rasgada e suja, as botas enlameadas, o cabelo e a barba crescidos e em desalinho, o mosquetão que empunhava e a pesada durindana que arrastava ao chão, davam-lhe um aspecto de salteador de estrada, mas o olhar deixava transparecer tanta nobreza e tranquillidade que Christovam, mais calmo, baixando a candeia, tornou a indagar:

—Que me quereis, senhor?

Como resposta, o desconhecido tirou de sob a capa uma bolsa de couro, talvez um polvarinho, e estendeu-a ao mercador.

—Dizei-me do valor disto.

Christovam descansou a candeia no tosco balcão e tacteou a bolsa. Sentiu que havia pedras dentro della. Alargou-lhe os cordões e despejou-a. Um punhado de cascalho e de corpos brilhantes rolou sobre a madeira do balcão, scintillando mortiçamente á luz pobre. Christovam julgou compreender e olhou o desconhecido:

—Vindes das bandeiras?

—Venho.

—E dizem que os bugres estão ferozes?

O homem teve um gesto de impaciencia:

—E' verdade, don Christovam, mas apressaevos, porque o meu tempo urge!

O mercador curvou-se novamente, tomou um dos seixos, examinou-o. Com um martello, quebrava o cascalho, fazia saltar facetas de vidro, e a uma e uma, cuidadosamente estudadas, as pedras todas passaram-lhe entre os dedos. Dir-se-ia que elle esperasse ver surgir, daquelle montão bruto arrancado á natureza, uma fortuna deslumbrante. O forasteiro acompanhava-lhe os movimentos, ansioso talvez no intimo, mas com o olhar sereno. Afinal, a ultima pedra passou e Christovam ergueu a cabeça:

—Vós não conheceis pedras, senhor? indagou, curioso.

—Não! — deixou cair o desconhecido.

—E os vossos homens?

—Muito menos. Apenas sabemos procurá-las. Por que?

(Conclue a pag. 47)

Dona

Madame Thérèse Clemenceau, correspondente de "O Cruzeiro" em Paris, attenderá sempre com prazer todas as consultas que lhe diriiam as senhoras brasileiras.

33 Rue du Colisée — Paris
Tel.: Elysées 01-79

A moda em 1930

Por
Mme Thérèse Clemenceau

Worth

WORTH apresenta em toda a sua collecção essa busca intelligencia da linha, do corte e do bom gosto que fazem delle o Costureiro maravilhoso. A silhueta que elle apresenta é delgada, fina, um pouco alongada para os roupas da cidade, emquanto que a do campo (porque Worth nunca fala das roupas de sport), mantem a mesma.

O busto, um pouco alongado, é sublinhado pela presença de tres pequenos boléros; quanto aos vestidos de noite são evidentemente compridos vendo-se, porem, sempre o pé; o fio direito retomou o seu logar e vê-se nos "biais" das bellas "toilettes" para "soirée". Uma grande novidade é apresentada pelos ruches "chicorées" collocados em torno, reunidos aos "frou-frous" das saias.

As mangas são curtas na maioria dos modelos de "manteaux" e "jaquetas" elegantes; entretanto nos modelos para a noite e especialmente nos vestidos apparecem as mangas algumas das quaes são com pridas e longas.

Muitas luvas compridas. Tornaram-se necessarias para os novos modelos e certamente entrarão em uso. Worth, aliás, aconselha para os seus vestidos pretos as luvas em pelle de "daim" marron. As pelles são quase que inexistentes nesta collecção; assignalo somente a preseça da "Hermine" e da "l'ecureuil", tintas, tanto uma como a outra, num preto muito brilhante. Estas pelles são incumbidas de guarnecer os vestidos e costumes "habillés". As capas são feitas para o dia e para a noite, havendo-as muito curtas, medias e de uns tres quartos de comprimento. Essas capas apoiam-se principalmente na linha das espaduas.

Worth aconselha para o campo a saia um pouco mais comprida, com a cinta marcada no seu logar respectivo. As blusas, sem mangas são collocadas sob a saia que é feita de preferencia, com longas pregas. O tweed ligeiro é incrustado propositalmente no jersey de seda, formando um collete, afim de fazer o conjuncto um vestido inteiro. Para a cidade os costumes são variados até o infinito; vêem-se combinações com compridos ou curtos "manteaux"; vestido de aspecto sóbrio nas mangas o corte muito rebuscado, apoia-se muito bem sobre os quadris, o abdomen e os rins com certa amplitude e muita elegancia na queda do tecido. Para a noite Worth é um innovador e um triumphador.

Modelo de vestido de noite, de mousseline de seda impressa.
Tecido Delaunay.

Todos os seus grandes vestidos se differenciam, não havendo um unico parecido com outro; as saias são cortadas com uma tal perfeição que apesar do seu comprimento a mulher vestindo-as, fica esbelta e pequena! Muitos cortes direitos terminando sabiamente com ruches, flores, ou uma estreita tira de pelle: os corpinhos muito abertos mas certos têm em seus logares bordados scintillantes e admiraveis.

As cores preferidas por Whorth são os azues claros, as tintas esbranquiçadas e o biscuit, com alguns verdes muito suaves. Para a cidade as cores escolhidas pelo grande costureiro são o preto, o marron, o branco e o preto, assim como algumas sedas impressas.

Emfim, para a noite — os cinzentos claros, a ameixa, a purpura, o preto, o branco. Estas são as cores que dominam nos modelos de Worth.

E Worth passou pelos nossos olhos num alordoamento de coisas bellas...

Heim

A casa Heim entrou no seu 30.º anniversario! E' uma idade joven para um ser humano, mas, quando se trata de uma casa de costura, é uma idade muito avançada.

A commemoração desta data foi feita de uma maneira sensacional porque Heim, especialista em pelles e "manteaux", preparou uma serie de vestidos para todas as horas do dia e da noite, modelos que o introduziram na linha efficiente dos grandes costureiros.

Não foi um ensaio, nem tateamento, mas uma marcha avante, um passo dado com segurança e firmeza. Assim elle entrou nos dominios da Moda.

Sou surpreendida pelo comprimento dos modelos que cada vez mais se accentua; mesmo para o que concerne ao lado pratico da nossa vida, a feminilidade se accentua em todos os modelos, como os proprios paletots que nada têm de masculinos.

Os coloridos preferidos são os "gregos", os marrons, uma gamma de azues, suaves muito especiaes e alguns verdes. A linha cubista das incrustações é amplamente cuidada, na qual se sente a mão que a dirige segura da sua vontade e do seu gosto.

Vejamos por exemplo "Levis" um «manteau» inteiramente cortado em biais

Vestido em crépe verde l'[illegible]cé.
Modelo Gerlaur.

nos quaes os grandes pedaços incrustados num sentido opposto, obtêm um effeito magico das finas ranhuras pretas sobre um tom "grege" muito suave. A capa sob todas as suas formas é tratada magistralmente.

Eis aqui uma sobre um «manteau» de setim preto; dividida em duas nas costas, muito curta sobre o hombro direito e muito comprida sobre o hombro esquerdo; essa capa abre-se ou fecha-se por meio de uma gravata-echarpe de um aspecto muito desenvolto.

Ao lado desse modelo original vê-se um vestido "Forquet's" que é direito e sobrio.

Nos vestidos, Heima appresenta uma collecção estonteante — sportivos, em tweed fino e ligeiro com pequeninos desenhos que um detalhe de "lingerie" é sufficiente para feminisár. E' assim que seu revejo "Primavera", em que linda flores

Vestido para noite. — Modelo Henri — Paris.

"Pitchoun" — Duas peças em "tweed" seda beige e branco. Blusa em crêpe setim branco. Cinto de couro marron. Modelo Jane Regny.

Os vestidos de noite são esplendidos; bem collocados sobre o corpo elles dão uma feliz leveza aos bustos, desenham a linha dos quadris e prolongam-se para terminarem numa amplidão segura e muito bem dissimulada.

Esses vestidos são acompanhados por pequenas casacas muito curtas dum corte intelligente e pessoal. Assim um desses "mantelets" denominado "Emeraude", porque o velludo em que elle é feito tem a cor dessa pedra preciosa, possue uma elegancia imprevista e interessante. Este "manteau" acompanha um vestido branco denominado "Virginia". Heim, compondo este "ensemble", será citado na grande costura. Mas outros documentos surgem na collecção da velha casa que assim se remoça.

E todos esses vestidos perfeitamente novos, em torno dos quaes tem havido um justo interesse e curiosidade, fazem do costureiro Heim um verdadeiro criador.

Vestido em lã verde. — Modelo Martial e Armand

Vestido e Manteau beige. Modelo Charlotte

dansam sobre um fundo verde garrafa, com uma saia amplamente ondulante, uma capinha ligeira e a nudez dos braços desenhando-se em duas manchas claras.

Uma linda idéa de saia quando immovel tem a linha direita e quando a mulher se movimenta essa saia se anima e se despenha de modo surpreendente, graças á combinação de innumeras pregas cruzadas. Em crêpe setim estas saias têm a sua prêga central feita pelo lado brilhante do tecido e as outras pregas pelo lado matte do tecido.

Caprichos e surpresas do nosso clima

Tudo no Rio é irregular: o horario dos trens, o perfil da paisagem, o calçamento das ruas, a vida dos homens. Até o tempo, no Rio, é irregular! Ou, melhor: principalmente o tempo. O tempo aqui é sempre incerto e mysterioso. Tem alma de mulher. Ninguem o entende. Nem mesmo o Observatorio Nacional. Direi melhor: sobretudo o Observatorio.

E todos os annos o nosso clima nos reserva surpresas bem curiosas. O nosso clima é uma montanha russa — cheio de altos e baixos. Ora temos 40º e insolações, ora temos 12º e resfriamentos.

Uma complicação?

Ah! as surpresas deste nosso clima! Diz-se que é um clima calumniado. E ha até quem o defenda das accusações graves que lhe fazem os estrangeiros. Eu não o defendo. Acho pouco ainda tudo o que delle se tem dito. Por mais que se calumnie o nosso clima, não se terá dito tudo o que elle merece. Basta dizer que é um clima que, apesar do asphalto e do arranha-céu, ainda não se civilizou. Tudo entre nós, se civiliza — até o povo! Entretanto, o nosso clima continua cada vez mais barbaro, tropical e inconveniente. E tem cada uma!...

Um inglês de máu-humor definiu-o nesta rigida formula incisiva:

—No Rio ha 6 mêses de verão e 6 mêses de calor. Mas foi injusto e omisso. No Rio não ha apenas verão e calor, ha chuvas, ha frio e ha, sobretudo, surpresas.

E' uma caixa de segredos. Ninguem decifra o seu enigma. O sortilegio dos seus mysterios desconcerta. Mas, para as pessoas que têm gosto do imprevisto — elle possue grandes encantos. Nem ha nada mais imprevisto, na face da terra, do que o clima do Rio.

✢

A's vezes, em junho — e todos os annos temos exemplo disto — ha dias authenticos de verão, abafados, insupportaveis, com mormaço e calor; outras vezes, como ainda agora succede, em abril, já temos dias legitimos de inverno, com frio, com garôa, com grippes e outras coisas divertidas. E' desconcertante.

De resto, nós cá do Rio não nos devemos queixar, porque o mal não é exclusivamente nosso. O clima do Brasil inteiro é, quase todo elle, assim irregular e surpreendente. Mesmo no Nordeste, onde só ha duas estações — a da chuva e a da secca — o clima faz as suas surpresas. E só o sertanejo — que é o melhor meteorologista do mundo — conhece talvez os mysterios e os segredos daquelle clima aggreste e caprichoso dos sertões asperosos do meio-norte.

A prova de que o tempo lá pelo Nordeste é capaz de illudir a sciencia dos mais argutos meteorologistas, foi o que succedeu certa vez com Gonçalves Dias.

✢

O grande poeta, que possuia conhecimentos complexos de varias sciencias, fora ao Nordeste numa missão de estudos meteorologicos. Chegando a um logarejo do sertão do Ceará, com uma vasta bagagem de barometros, thermometros e pluviometros, pediu pousada na casa de um velho vaqueiro.

E como queria retomar cedo o caminho, resolveu dormir mesmo no alpendre da casa, em cujos esteios armou a sua rêde.

O vaqueiro, porém, fez-lhe uma advertencia prudente:

—Seu doutô, é mió drumi lá na sala, que hoje vae chuvê!

Com a sua grave sciencia de meteorologista, Gonçalves Dias olhou o céu, e vendo lá em cima as estrelas, sorriu da ingenuidade do sertanejo:

—Não, "seu" André! Não chove. Eu durmo aqui mesmo.

✢

Pela madrugada, açoitado por tremendo temporal, todo molhado, Gonçalves Dias bateu á porta do vaqueiro.

"Seu" André immediatamente abriu a porta, e acolhendo o poeta, sorriu com ingente ironia:

—Eu não disse, seu doutô!

Gonçalves Dias, então, teve curiosidade de conhecer a fonte da experiencia daquelle humilde e sabio meteorologista do sertão, que parecia entreter, como os velhos astrologos, conversas mysteriosas com as estrelas.

✢

—Como foi que você advinhou que ia chover, "seu" André?

E o vaqueiro explicou com simplicidade:

—Tá vendo aquella latada de palha, "seu" doutô, onde aquelle burro tá deitado?

—Estou.

—Quando aquelle burro se deita ali em baixo da latada, seu doutô, é chuva na certa!

✢

Gonçalves Dias sorriu, desencantado: o grande meteorologista do sertão, não era elle, nem o vaqueiro — era o burro da latada!

E o clima do Rio não é menos surpreendente nem menos mysterioso que o dos sertões do Nordéste.

Mas, tem, com seus imprevistos e irregularidades, a vantagem de libertar-nos dos perigos da monotonia...

Noticiario

Anniversarios da semana

Dia 14:

Snha. Irene, filha do sr. Manoel Joaquim Marinho.
Snha. Esmeralda, filha do sr. José Cordovil de Oliveira.
Snha. Georgette, filha do sr. Tancredo Porto.
Snha. Anna, filha do capitão A. de Carvalho Jardim.
Sra. Nair Villas Frota, esposa do sr. Antonio Meirelles.
Sra. Guiomar Ferreira Braga, esposa do sr. Carlos Ferreira Braga, funccionario da Estrada de Ferro Central do Brasil.
Sra. Oscarina Barbosa, esposa do sr. Adolpho Barbosa.
Sra. Minervina Gonçalves, esposa do sr. Moacyr Gonçalves.
Conde Pereira Carneiro.
Senador Francisco da Cunha Machado.
Dr. Mauricio de Abreu Lima.
Dr. Flavio da Silva Ramos.
Dr. Rosas da Silva Junior.
Dr. João Garcia Prado.
Dr. Ignacio Amaral.
Dr. Manoel Serrano Novaes.
Coronel Henrique Guimarães.
Coronel Arthur Meira Lima.
Coronel João Lopes.

Dia 15:

Snha. Lucilia, filha do sr. José Azevedo.
Snha. Julieta, filha do dr. Alvaro Graça.
Snha. Lilia, filha do capitão Thomaz Dias.
Sra. Rosa do Nascimento, esposa do sr. Manoel C. do Nascimento.
Sra. Carolina Duarte Pinto, esposa do dr. Arthur Duarte Pinto.
Sra. Yolanda Marcondes de Aquino, esposa do dr. Julio de Aquino.
Dr. Candido Benicio Rangel de Vasconcellos.
Dr. Raul Pitanga Santos.
Maestro Francisco Braga.
Dr. Waldemiro Miranda Carvalho.
Sr. Newton Victor do Espirito Santo, filho do dr. Odorico do Espirito Santo, chefe da revisão de *O Jornal*.
Sr. Carlos Andrade Ferreira.

Dia 16:

Snha. Odette, filha do sr. Casemiro Dias.
Snha. Jandyra, filha do dr. João S[illegible] Bezerra de Menezes.
Sra. Rachel Marques da Silva, esposa do capitão Evaristo Marques da Silva.
Sra. Clara Mendes Pereira, esposa do sr. Clarimundo Pereira.
Sra. Minervina Gomes França, esposa do sr. Manoel França.
Sra. Leonor Vasconcellos, esposa do sr. Carlos Vasconcellos.
Dr. Martinho Garcez C. Barreto, juiz da 4.ª Pretoria Civel.
Dr. Oldemar R. Neiva.

TRISTE HISTORIA

Quando nasceu minha filha,
(Verdadeira maravilha!)
Cheirando ainda a Lysol,
Berrou como uma damnada:
—Eu só quero ser lavada
Com sabonete EUCALOL!

Dr. Mario Jorge.
Dr. Raymundo Pereira Rego.
Dr. Olympio Matheus.
Sr. Octavio Ferreira.

DIA 17:

Snha. Helena, filha do capitão Cordolino de Azevedo.
Snha. Nadia, filha do dr. Joaquim Lackist.
Snha. Marietta, filha do dr. Bandeira Gouvêa.
Viuva dr. Amaro Cavalcanti.
Viuva almirante Huet Bacellar.
Sra. Maria Eugenia Celso Carneiro de Mendonça, esposa do dr. Carneiro de Mendonça.
Sra. Maria Muller dos Campos, viuva do marechal Muller dos Campos.
Sra. Petronilha Posada, esposa do dr. Thomaz Posada.
Sra. Sylvia Pereira, esposa do dr. Octacilio Pereira, secretario do Collegio Pedro II.
Dr. Adhemar Mello.
Dr. Omar Dutra.
Dr. Octavio Antonio da Costa.
Dr. José Calmon.
Dr. Galdino Cesar da Rocha, engenheiro da Estrada de Ferro Central do Barsil.

DIA 18:

Snha. Cosetta, filha do capitão Alberto Maggioli.
Snha. Elisa, filha do saudoso professor Nascimento Gurgel.
Sra. Etelvina Santos, esposa do sr. Manoel Santos.
Sra. Maria Isabel Gonçalves, esposa do capitão Augusto Gonçalves.
Sra. Seraphina Borges, esposa do sr. João Borges.
Sra. Amanda Machado, viuva do senador Alvaro Machado.
Dr. Francisco Gusmão.
Dr. Joaquim Gomes.
Dr. Claudino Tavares.
Dr. Raul Cruz.
Dr. Paulo Camara da Motta.
Dr. Leonardo Lobato.
Primeiro tenente Emiliano Souza.

DIA 19:

Snha. Lenita, filha do deputado Hugo Napoleão, representante do Estado do Piauhy, na Camara Federal.
Sra. Helisa Costa dos Santos, esposa do sr. Heitor dos Santos.
Sra. Clara de Menezes, esposa do sr. Adolpho de Menezes.
Sra. Guiomar Correia, esposa do sr. Oscar Correia.
Sra. Thereza Gonçalves, esposa do sr. Arthur Gonçalves, funccionario do Departamento Nacional de Saude Publica.
Sra. dr. Oswaldo Ferreira Pinto de Almeida.
Sr. Lauro Mello.
Sr. Canindé da Silva.
Sr. Carlos Gomes de Azevedo.
Tenente Moacyr Santos Reis.

DIA 20:

Snha. Ignacia, filha do sr. Apparicio Monteiro.
Snha. Carolina, filha do sr. Carlos de Almeida.
Sra. Gumercinda Braga, esposa do sr. Adolpho Braga.
Sra. Clara Menezes, esposa do sr. Arthur Menezes.
Sra. Thereza Vasconcellos, esposa do sr. Carlos Vasconcellos.
Sra. Minervina Braga Costa, esposa do sr. Eugenio Costa.
Dr. Carlos Alberto Menezes.
Tenente Godofredo Borges de Almeida.
Sr. Carlos Ferreira.
Sr. Luiz Braga de Almeida.
Sr. Oscar Pinto de Andrade.

E'cos do Carnaval

A MENINA ALAYDE, FILHA DO DESEMBARGADOR AMARILLO NEVIS, 1.º PREMIO NO BAILE INFANTIL A FANTASIA REALIZADO EM CUYABÁ SUA CIDADE NATAL, NO ESTADO DE MATTO GROSSO.

O Homem que se despediu da Mocidade

Por OLAVO de BARROS
Especial para "O Cruzeiro"

ADEUS, minha mocidade. Adeus!... Partes, então, para sempre.

E assim, tu me abandonas impiedosamente.

E porque? Que mal te fiz, mocidade?

Dei-te tudo quanto desejaste. Tudo! A arte, o amor, a luxuria... Mais ainda: as viagens, o jazz, o charleston, a cocaina...

Tu foste sempre insaciavel, mas, eu te desejei mesmo assim.

Eu te quiz tanto, minha mocidade, que não poupei sacrificios para que nada te faltasse.

Satisfiz todos os teus caprichos, todas as tuas loucuras, todos os teus desejos absurdos...

E sentia-me orgulhoso de te possuir.

Como te amei, mocidade,
Como te amo ainda.

E tão ingrata és tu, que pagas os meus sacrificios com o abandono e esqueces bem depressa tudo o que fiz por ti. E partes indifferente á minha dôr. Vês que choro, que soffro e não te emocionas. Partes sem me deixar uma recordação da tua passagem pela minha vida.

Ah!... sim. Perdôa, mocidade. Fui injusto. Deixaste, sim, uma recordação: os meus cabelos brancos, que me obrigarão a pensar em ti com tristeza. A voltar os olhos para o passado.

E mais: um profundo tedio de tudo e de todos.

Adeus, mocidade!... Serei forte. Parte! Não ficarei só. Ainda me resta a Saudade.

O CRUZEIRO CONSIDERA O ANNUNCIO COMO A MAIS PALPITANTE DOCUMENTAÇÃO DE UMA EPOCA: DOS SEUS COSTUMES, DA SUA CIVILIZAÇÃO, DA SUA PROSPERIDADE. — — —

Festas

Entre ás festas de maior significação mundana e artistica da proxima estação, figura em primeiro plano a que a illustre e formosa sra. Nini Rocha Miranda está organisando para commemorar o Centenario do Romantismo. Essa festa constará de um grande baile á 1830 e de um recital de canções romanticas italianas, francêsas e brasileiras.

Para homenagear a officialidade do cruzador inglês "Dragon", organisam-se no Rio varias festas. E' assim que haverá uma festa no Club Naval, offerecida pelo ministro da Marinha e outra no Country Club, organisada pela colonia inglêsa.

Haverá no começo da "season" duas festas de grande esplendor mundano, no Pavilhão Normando do Lido: um baile no sabbado de Alleluia e um "souper-dansant" na noite da estréa de Brulé no Municipal.

Festival

Organisado pelo sr. Sergio da Rocha Miranda, deve realizar-se no começo da "season" um grande festival de caridade no novo Theatro João Caetano, no qual tomarão parte figuras de destaque na nossa sociedade.

Theatro de Brinquedo

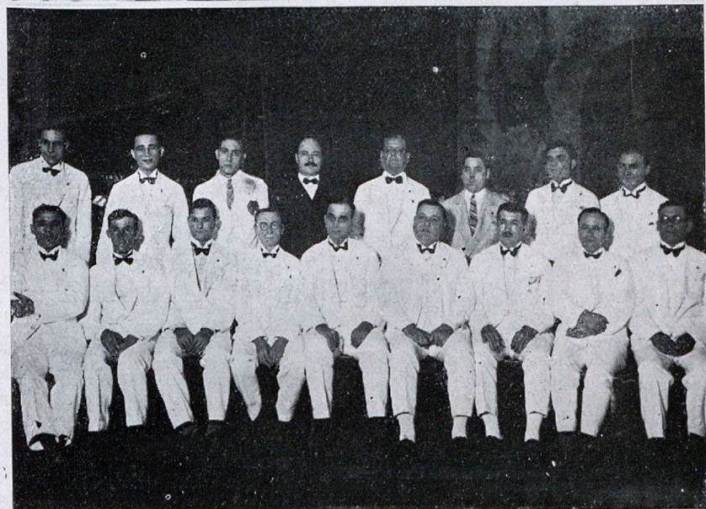
No proximo inverno fará a sua "rentrée" no Rio o Theatro de Brinquedo, a criação encantadora de Alvaro Moreyra, que tanto successo fez este anno, na nossa alta sociedade, em Petropolis.

Jantar dansante

O Club dos Bandeirantes reinaugurou os seus jantares-dansantes dominicaes.

Varias

Tendo o Jockey Club inaugurado com grande brilho a temporada de "turf" da estação, no domingo passado, haverá no proximo domingo uma grande corrida no Hippodromo da Gavea.

A temporada de comedia francêsa, que marca na vida mundana do Rio, a "rentrée", será inaugurada este anno por Brulé, o artista que a nossa alta sociedade tanto conhece e admira.

EM CIMA, O SR. DR. DINIZ JUNIOR, ORADOR OFFICIAL DESTA FESTA DE CORDIALIDADE, QUANDO PROFERIA SEU DISCURSO. — EM BAIXO, UM GRUPO DOS NOVOS DIRECTORES, EM POSE PARA NOSSA OBJECTIVA.

Pedra da Gavea

(CONCLUSÃO DA PAGINA 13)

não ser arremessada ao abysmo. Era a tempestade!

Nuvens cinzentas avançavam affoitas e vinham desfazer-se de encontro a abrupta rocha e sentia no rosto a lufada humida que vertiginosa se despencava doidamente na outra borda do abysmo.

Era perigosa a permanencia ali, pois rec udescia o sinistro, sibilava o vento, estava prestes a desencadear-se o temporal.

Rastejando consegui chegar á garganta por onde seria preciso descer e como dava frente á direcção dos ventos, inteiramente desarvorada sentia ondas e ondas de frio e humidade, um zumbido tenaz e agourento, um arremessar de galhos, folhas seccas e terra que vinham da amplidão immensa.

Aos primeiros ensaios para entrar no precipicio a corrente de ar fortissima parecia que vinha munida de dedos que me suspendiam, e tinha de forcejar com os pés para vencer a discenção.

O dominio era das a titudes e até a cabeça aturdida, tinha-a numa especie de vertigem.

De repente abre-se uma nesga na cerração e pouco a pouco, a ventania abrandou, vim ao solo firme, preferindo viajar em baixo a singrar, na altura da "Pedra da Gavea" com tufão.

Tinha sido apenas um sonho que a imaginação bordára na contemplação da majestosa "Pedra da Gavea"!

O Bandeirante do Amor

(CONCLUSÃO DA PAG. 41)

—Porque nada trazeis de valor. Algum crystal e muita pedra...

—Nada? Tendes certeza?

—Digo-vos a verdade, senhor!...

Um estremecimento percorreu o corpo do forasteiro, ao mesmo tempo que nos olhos lhe fuzilava um relampago; a barba caiu-lhe sobre o peito, num gesto de desalento incontido. Mas aquillo durou um minuto, se tanto. Bem depressa levantou a cabeça, decidido, a fronte como illuminada.

—Dae-me os meus calhaus, don Christovam!...

Recebeu a bolsa, prendeu-a á cinta, ageitou o mosquete a tira-collo e estendeu a mão ao mercador.

—Desculpae. Julguei que vos trazia uma fortuna, mas hei de trazer-lha algum dia...

Transpôs a porta e saiu para a rua. Voltou a caminhar, rapido, junto ás paredes, cortando beccos, até a casa da familia Mendaço, completamente envolta em trevas áquella hora. Contornou o casarão silencioso e foi bater, nos fundos, á porta baixa de um pavilhão siolado. Uma voz grossa clamou de dentro:

—Quem bate?

—E' amigo, Anselmo! — respondeu o desconhecido, abafando a voz nas dobras da capa.

Decorreram segundos. Afinal um ferrolho correu e a porta abriu-se para deixar ver, á luz da candeia, a figura do escudeiro dos Mendaço, interrogando as trevas com o olhar. O desconhecido não entrou. Parou no degráo de pedra, o rosto voltado para a claridade, offerecendo-se ao exame do velho:

—Sou eu, Anselmo!

—Don Sebastião!

Foi um grito espontaneo, sincero, que falou tão claramente quanto o sorriso de felicidade que naquelle momento illuminou o rosto do velho escudeiro. Mas antes que o grito houvesse ecoado pelo silencio da noite, o moço fidalgo havia fechado a porta, descansando a mão no hombro do fiel servidor:

—Eu quero a vossa palavra, Anselmo, de que ninguem saberá da minha vinda hoje a São Paulo!

E'ra um pedido secco, uma ordem delicada, que cortou nos labios de Anselmo o sorriso de alegria e lhe arrancou uma pergunta:

—Tereis a minha palavra, senhor!... Mas, por que o mysterio?

—Porque eu fracassei! A sorte zombou de mim, dando-me calhaus quando eu queria brilhantes e esmeraldas! Aqui tendes, nesta bolsa, o resultado de cinco mêses de lutas...

Sebastião fez uma pausa, estendendo ao escudeiro a bolsa de couro que elle recebeu sem abrir. Depois, proseguiu:

—Mas eu vou retornar ao sertão. Ides arranjar-me homens, Anselmo, da tempera daquelles que me arranjastes da primeira vez e eu os esperarei amanhã, no começo da picada do sertão, onde deixei ficar o resto da minha bandeira!

—Voltaes ás selvas, senhor?

—Volto! Eu prometti a don Antonio Maria regressar, dentro de dois annos, rico, para desposar-lhe a filha. Sabeis como se cumprem as promessas, na minha familia. O primeiro fracasso não me abateu o animo e resta-me ainda um anno e meio para arrancar da terra o ouro com que enfeitarei o meu castello!

Era tão firme a voz de don Sebastião, tão admiravelmente audaciosa, que Anselmo não lhe disse palavra. Ficou-se a olhá-lo, mudo, pensando talvez no tempo em que elle tambem teria enfrentado o mundo por amor da sua dama. Foi o mancebo quem o arrancou daquella abstracção:

—Espero-vos amanhã, Anselmo!

—Está bem, don Sebastião. Levar-vos-ei os homens de que precisaes...

Na porta, o fidalgo parou, voltando-se para dentro, altivo, orgulhoso, os olhos e o semblante mais illuminados do que nunca, para deixar cair, com aquella sua voz metallica e admiravel:

—E se dentro de um anno e meio eu não estiver de volta, para deslumbrar a capitania com o meu ouro, podeis annunciar a morte de don Sebastião Pedrosa de Mendaço, porque não voltarei jamais...

E saiu, perdendo-se na noite, deixando arrastar nas pedras soltas da rua a pesada e gloriosa durindana dos seus antepassados.

Anselmo, immovel no meio da sala, ouviu-o que se afastava. Depois, sopesou a bolsa de couro, abriu-lhe os cordões, examinou as pedras. Uma ruga sulcou-lhe a fronte larga e um pensamento estranho fez-lhe agitar a cabeça. Tambem elle precisava sair para procurar os homens que deviam formar na bandeira de don Sebastião. Cingiu a espada, enrolou-se na capa, apagou a candeia, prendeu a bolsa de couro no cinto e saiu. Levava destino certo, sem duvida, pois que caminhava a passos largos apesar das trevas que tudo envolviam. Subito, porém, ao passar junto a uma casa baixa, parou vendo luz em uma das janelas. Morava ali don Francisco Galvão, ourives do palacio real, recem chegado da metropole a serviço de el-rey. Anselmo passou a mão pela cintura, para se certificar de que a bolsa lá estava e bateu com os dedos na janela. Uma cabeça de homem appareceu:

—Que quereis? — indagou, investigando a sombra.

O escudeiro falou:

—Sou Anselmo, escudeiro da familia Mandaço e trago-vos umas pedras para que façaes a graça de examiná-las.

—A esta hora, senhor!

—Desculpareis, don Francisco, mas se soubesseis quanta felicidade depende do que ides dizer!...

O ourives pensou um instante e resolveu:

—Podeis entrar. Eu mesmo vou abrir.

Um momento depois os calhaus que don Sebastião trouxera rolavam sobre a mesa do ourives de el-rey. O homem examinou-os demoradamente, como conhecedor, curvado sobre elles e quando se levantou trazia uma expressão de assombro no rosto:

—De onde vos vieram estas pedras:— perguntou a Anselmo que esperava a um canto, medroso da resposta que ia ouvir.

—Touxe-as meu amo do sertão.

E como visse que o ourives, pensativo, se voltava novamente para as pedras, indagou:

—Valem, senhor?

D. Francisco sorriu:

—Valem uma fortuna, don Anselmo! Estas pedras brancas e estas outras roseas que aqui vêdes, são topasios e fazem furor agora na corte! Tudo aqui vale dinheiro, muito dinheiro e estou para dizer que, se procurarmos, até brilhantes encontraremos no logar onde encontraram estas pedras!...

. . . .

Uma hora mais tarde, assustado com o barulho que haviam feito batendo a aldraba da porta e com o vozerio que andava no pateo, don Antonio Maria, apoiado no bastão e no braço de sua filha, dona Amelia, apparecia na sala. Encontrou-se deante de Anselmo que discutia com um criado.

—Com que então tomaes a liberdade de acordar os amigos, altas horas da noite, Anselmo? — repreendeu o fidalgo, sorrindo.

O velho escudeiro dos Mendaço correu para elle:

—Perdoae, don Antonio! E' que vos trago noticias de don Sebastião e um presente delle para a senhora.

—Que me dizeis!

—Elle manda este punhado de pedras, como presente de noivado, para a senhora dona Amelia e pediu-me dizer-vos que dentro de dois mêses estará de volta, com a maior fortuna da capitania. Estas pedras que ahi vêdes, são menos da metade da remessa que elle me fez chegar ás mãos, ao anoitecer. A outra porção, comprou-ma por bom preço o ourives de Sua Majestade...

Anselmo falava sem tomar folego, ebrio de felicidade, como se fosse elle o favorecido do destino. Don Antonio interrompeu-o para perguntar:

—E don Sebastião, onde está?

—No sertão, senhor. Amanhã de madrugada eu partirei ao encontro delle, para levar homens que reforcem a bandeira!

—Vós ides ao sertão?

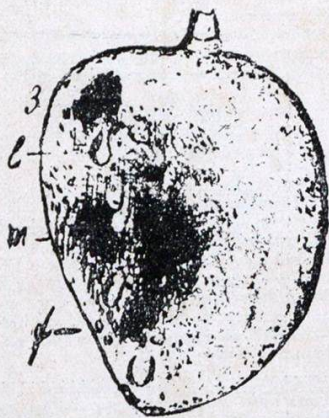
Anselmo impertigou-se, feliz, remoçado:

—Vou ajudar meu joven amo a conquistar a fortuna e vou tomar conta delle para vós, dona Amelia, afim de que os bugres não lhe façam mal...

MANGAS MANCHADAS

E' muito commum apparecerem, em certos annos, nos frutos da mangueira, manchas escuras que muito lhes prejudicam o aspecto.

Trata-se dum fungo, o *Gloesporium mangifera*, tambem responsavel pelo aborto das flores e queda prematura dos frutos. G. Boudar, que estudou, este fungo na Bahia, assim recommenda combater a mancha das mangas:

"Deve, porém, dar bom resultado a pulverisação com a calda bordaleza. O tratamento deve ser applicado nas flores quando o *anthracnose* apparecer, que se percebe pelas flores e folhas tenras

[MANGA ATACADA DE MANCHAS]

queimadas. Para preservar as frutas contra as manchas, principalmente a manga rosa, deve-se pulverisá-las com a calda bordaleza antes da maturação, quando as mangas começam a attingir o seu pleno desenvolvimento. O tratamento é facil nas mangueiras de pequeno porte. Nas mangueiras grandes os pulverisadores existentes no commercio da Bahia serão insufficientes.

A calda bordaleza, já preparada, encontra-se na Sociedade Bahiana de Agricultura.

Na mesma sociedade acha-se tambem uma outra droga de muita efficacia, *Uspulum universal*, que pode ser applicada com vantagem contra a molestia".

A SALSA E A CICUTA

As nossa zelosas donas de casa e o exercito utilissimo das nosas cozinheiras costumam catar, com uma seriedade quasi tragica, entre o agrião das saladas, o provavel ramusculo de cicuta.

Farejam ellas com cuidado algumas folhas suspeitas, que julgam ser parentas daquella cicuta historica que levou a morte ao bondoso Socrates, philosopho dos mais famosos da Crecia antiga.

Conhecerão de facto estas previdentes criaturas de forno e fogão, o anjo tutelar das caçarolas e ensopados, a insidiosa e malefica planta?

Tenho para mim que não, pois já observei uma "conhecedora" remirando com fingida sapiencia as largas folhas do agrião e pondo de lado, com uma autoridade policial, legitimo agrião, que por um polymorphismo muito proprio desta planta apresentava algumas hastes fora da normalidade.

Separada a psendo-cicuta, eu, num gesto socratico, comia-a ali mesmo, nas barbas da cozinheira, que por signal era uma preta imberbe. A prova mais evidente de que não morri é, já não digo estas linhas, que podiam ser ditadas do outro mundo, mas um "attestado de vida" que me passou o dr. Mendes Fradique, após a façanha.

A cicuta verdadeira, authetica e assassina, é o *Conium maculatum*, e suas folhas são muito parecidas com as da salsa, do aniz, tambem chamada herva-doce, do coentro e do funcho. Ora, taes folhas não se podem em absoluto confundir com as do agrião, e dahi a minha suspeita que ao menos neste ramo da botanica, as nossas cozinheiras estão em evidente atrazo.

Além desta cicuta existe uma outra, a *Cicuta virosa*, venenosissima, mas que felizmente, não occorre no Brasil.

Confrontando a cicuta com a salsa, com a qual se assemelha, vê-se que os foliolos são muito mais recortados naquella, além disso o peuncuio é manchado e tem um cheiro algo semelhante a catinga de rato.

Assim, só ha receio de confundir-se a cicuta com as plantas horticolas ja alludidas, e neste caso devemos prestar attenção aos caracteres differenciaes que existem entre ellas.

O typo geral da conformação das folhas é o mesmo, salvo no coentro, cujas folhas superiores são bem as do typo da herva-doce, por exemplo, emquanto que folhas da base, ou do pé novo, são muito semelhantes ás da salsa. Comparando agora as folhas da salsa com a cicuta, vê-se, pela comparação detalhada, que a folha da planta venenosa tem um numero variavel de foliolos, que por sua vez são constituidos por foliolos menores, tambem em numero de quatro ou cinco; na salsa, porém, este numero de foiiolos nunca excede o de tres. Além disto, pela comparação dos foliolos, resulta a seguinte diversidade: na cicuta os foliolos são recortados um tanto irregularmente, o que poderiamos chamar "duplo-dentadas", com recortes profundos que esboçam sete ou nove foiiolos; na salsa estes recortes dos foiiolos são mais regulares, de modo a constituirem 3 semifolios que por sua vez são fendidas.

Curioso é notar que os parentes da cicuta, filhos todos da grande e prestante familia das Umbelliferas, algumas tão notaveis na horticultura, como as já citadas e outras não menos illustres, como a cenoura, o aipo, o cominho, são pessoas vegetaes do mais alto conceito e de grandes serviços á humanidade. E' realmente lamentavel que de tão assignalada estirpe surgisse esta desalmada cicuta que desde a antiguidade grega traz em constante sobresalto os apreciadores de saladas e os vegetaristas mais extremados.

❖ ❖ ❖

ADUBAÇÃO CHIMICA DAS HORTALIÇAS

Nem sempre se dispõe de estrume de curral sufficiente para adubar as hortas e mesmo, usando do esterco, na quantidade necessaria bem vantajoso se torna o emprego dos adubos. Eis um pequeno formulario para varias hortaliças:

Couve, repolho, escarola, chicoria, celga e bertalha:

Estrume bem sortido........	5 kilos
	GRAMMAS
Salitre do Chile.............	40 a 60
Escorias de Thomas..........	20 a 40
Chloreto de potassio.........	10 a 20

A formula indicada é para cada metro quadrado de terreno e deve-se applicar os adubos na ocasião que se prepara a terra para transplantar as mudas, excepto o salitre do Chile que se applica metade nesta ocasião e a outra metade um mez depois.

Tomate, pepino, pimentão, pimenta, giló:

Estrume bem curtido........	3 kilos
	GRAMMAS
Salitre do Chile.............	20 a 40
Rhenaniaphosphato..........	50 a 70
Chloreto de potassio.........	20 a 30

Applica-se da mesma forma referida acima.

Cenouras, rabanetes, nabos, nabiças e espinafres:

Não precisa estrume de curral.

	GRAMMAS
Salitre do Chile.............	20 a 40
Escorias de Thomas	30 a 50
Chloreto de potassio.........	10 a 20

Isto para cada metro quadrado de terreno, no momento em que se prepara o terreno para sementeiras. Estas hortaliças não se transplantam.

Abobora, abobora d'agua, chuchú, quiabo e maxixe:

Estrume bem curtido........	2 kilos
	GRAMMAS
Salitre do Chile.............	30 a 50
Rhenaniaphosphato..........	50 a 80
Chloreto de potassio.........	20 a 30

A quantidade indicada é para cada cova, bem misturada com a terra.

AS TAGETES

As tagetes, conhecidas entre nós por cravo de defunto, são, não obstante o triste appellido, flores bem ornamentaes.

A's plantas do genero Tageter de Touru chama muita gente em Portugal cravos de Tunis, outros cravos Tunantes, poucos cravos da India e muito rosas Tagecia.

O nome de cravos de Tunis, ou a sua estropiação em Tunantes, mais vulgar, é absolutamente improprio porque nem a vantagem tem de indicar a origem destas plantas que são mexicanas e não tunisianas.

O nome de cravo da India é a tradução do termo francês, pouco recommendavel, e por isso nos parecem mais proprias as denominações de Tagencias ou Tagetes que lembram a classificação botanica. São plantas suaves, glandulosas, de caules sulcados, ramosas desde a base, com a altura de 40 a 60 centimetros em algumas variedades. Tem flores elegantes, em capitulos numerosos,

RAMO DE TAGETES

solitarios e sustentados por um pedunculo com 6 a 8 centimetros.

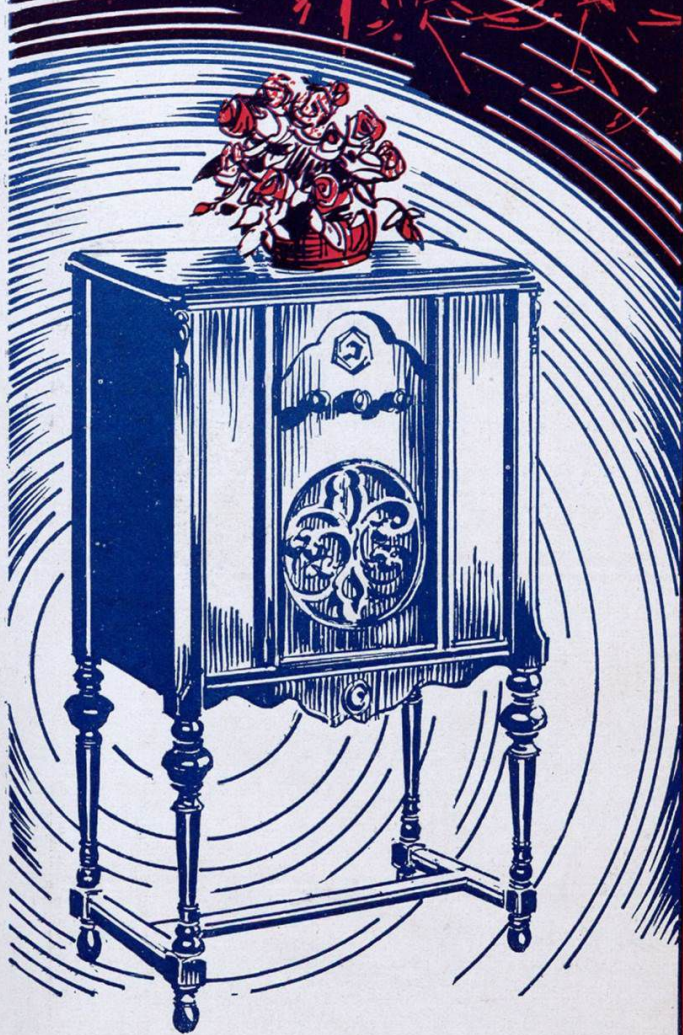
As Tagetes soffreram com a cultura numerosas modificações que incidiram em particular sobre a forma do capitulo: uma vezes todas as flores se apresentam com pequenas corolas tubulares, outras só têm corolas tubulares pequenas no ce..tro e grandes corolas tubulares na peripheria, outras vezes ainda, todas as corolas são largamente tubulares, etc.

As variedades mais apreciadas são:

As Tagetes de flores dobradas, dobradas laranja, dobradas amarelo de oiro com centro castanho, anã simples, anã simples castanha, anã de flores dobradas, muito anã dobrada, raiadas de flores simples e dobradas, manchadas, lucida, purpura, etc.

A sua multiplicação faz-se por sementeira de julho a agosto, em viveiro em exposição quente, plantando-as em logar definitivo em novembro e dezembro, conservando-as a distancias que vão de 30 a 40 centimetros para as variedades anãs e até 50 ou 60 para as variedades de porte mais elevado.

São plantas muito rusticas, que não são exigentes nem em terra, nem em exposição embora prefiram terrenos leves muito humosos e com uma situação quente e arejada. Não ha planta que melhor supporte a transplantação. Presta-se tanto á cultura em vaso como em plena terra.

Nunca se ouviu semelhante...

CROSLEY

1930

SCREEN-GRID

Os nossos Crosley satisfazem aos mais exigentes amadores da boa musica, ás pessoas do mais apurado gosto artistico.

A adopção do alto falante Dynamico de nucleo movel, tornou a reproducção da voz tão suave e pura que se tem a impressão da presença do cantor.

O uso das valvulas Screen-Grid permitte a recepção das estações distantes como se fossem as estações locaes.

Venham ouvil-os em nossos salões ou peçam uma demonstração gratuita em suas residencias.

Indague pelo Systema Crosley de pagamento parcellado.

Desejo, sem compromisso uma demonstração dos novos Crosley 33.

Nome ....

Endereço ....

SOC. AN. BRASILEIRA ES.TOS

MESTRE E BLATGÉ

RUA DO PASSEIO, 48/54 — RIO DE JANEIRO

KOLYNOS
CREME DENTAL

Como a minha bocca se sente limpa

KOLYNOS
CREME DENTAL

O KOLYNOS torna os dentes bellos e brancos, dissolve a mucina, remove as particulas de alimento em decomposição e destróe os perigosos germens que deterioram os dentes.

Experimente KOLYNOS — a sensação de limpeza e de frescura que produz é deliciosa.

Basta um centimetro sobre a escova secca.

A' VENDA EM TODAS AS PERFUMARIAS, DROGARIAS, PHARMACIAS E NAS FILIAES DE PAUL J. CHRISTOPH CO.,
OUVIDOR, 98 - RIO   S. BENTO, 35 - S. PAULO.

VALMONT INCORPORATED, S. A.

(SECÇÃO KOLYNOS)   LAVRADIO, 183